



M. W. P.

PASSOS MANOEL

I



sfolhámos ainda hontem, aqui mesmo, algumas saudades sobre a sepultura de Mousinho da Silveira, e já hoje chama por nós outro nome igualmente grande, igualmente amado e applaudido. Depois de José Xavier uma coincidência, que parece inspirada pelo pressentimento do futuro, quer que a pagina, que vamos abrir, seja consagrada ao homem, que mais de perto acompanhou os passos do velho ministro de D. Pedro; do homem, que investido pela omnipotencia dos successos no exercicio de um poder illimitado, soube sempre mostrar-se digno d'elle pela immaculada probidade, de que foi modelo, pela elevação do engenho, pelo esplendor da eloquencia, pela magnanimidade, emfim, do seu generoso coração, tão facil e benevolo no affecto, como puro e

desinteressado no ardor dos sentimentos, que até ao ultimo suspiro sempre lhe fizeram da patria, da liberdade e da ternura de esposo e de pae uma só e a mesma familia, quasi um só e unico amor.

Para muitos, poderosos na terra e na vida, pequenos na morte e nas cinzas, é o tumulo esquecimento. Fôra melhor talvez para outros, que a urna funeraria escondesse a inscripção, que os lembra. Mas a este, nem os annos hão de gastar o merecido louvor, nem a posteridade inexoravel, passando pelo seu modesto monumento, ha de murchar a eterna mocidade da reputação, nem secar a viçosa palma civica, unico trophéo que reservou para si, desprezadas com simplicidade as pompas, de que por vezes o rodeou a veneração dos partidos.

Ha mentirosas famas, que cegam os cõtemporaneos com instantaneo fulgor, e que pouco depois desapparecem na mais profunda obscuridade. A esses validos da fortuna, quando descem, aguardemol-os na hora, em que despindo tudo o que recorda a fragilidade humana, só lhes fica a sombra, e essa mesma cada vez mais esvaecida de momento para momento; só lhes sobrevive por dias o nome, quando sobrevive (!), em quanto o não suplantam outros nomes vivos. Esperae por elles, e contemplae-os imparcialmente ao clarão melancolico, que deixam coar as portas da eternidade, descerrando-se, e pela altura medireis o vulto, pelas acções julgareis o homem, pela dôr da ausencia avaliareis a falta.

É a ultima, a suprema provação! O cortejo mundano despediu-se. O silencio e a solidão guardam mudos a pedra levantada no campo dos mortos. Como os louros venaes envelhecem logo! Como o halito humido mareia depressa os ouropeis! Passados annos o que resta do ferro bem temperado da mais victoriosa espada, ou das invejadas insignias do poderio? E entretanto ali é que principiam a crescer por entre a noite e a tristeza os que a gloria assignalou com uma corôa. O sol, que doira a lapide sepulchral, não tem occaso. A força invisivel, que levanta da campa redivivo para o triumpho o homem muitas vezes adormecido sem applausos, nem amigos, é a justiça do futuro. Quebra-se para estes o somno do olvido, e ao mesmo tempo acabam de esmorecer ao longe para outros os murmurios dos aduladores. Quem regista e canonisa os merecimentos não são os convivas da opulencia, nem os festeiros das grandezas, é a sentença de gerações, que não querem conhecer da arvore senão os fructos.

Passos Manoel não tem que receiar o esquecimento, nem que

temer a posteridade. Do primeiro isempta-o o papel representado nas lides constitucionaes até aos nossos dias; e a segunda, apenas o seu espirito se desprende da tærra, lançou logo sobre as paginas da historia a sombra de um grande vulto.

Quando um varão ornado de illustres predicados, com a cabeça alta e a mão sobre a consciencia, atravessa no espaço de sessenta annos, cortados de sobresaltos e amarguras, os momentos mais dolorosos e os lances mais arriscados sem um assomo de fraqueza, e chegado ao termo da carreira póde olhar para toda ella sem ter de chorar um erro, que o envergonhe, um acto que lhe enlute a honra com tardios arrependimentos, uma violencia, ou uma contradicção, que accuse a pureza de suas crenças, o processo acha-se instruido e concluso, e a alma, elevando-se ao throno de Deus, voará segura de que sómente deixou atraz de si a saudade de uma perda incalculavel, as lagrimas de arreigadas affeições, e a boa memoria de solidas virtudes.

O homem passou. Tudo o que n'elle era mortal desapareceu. Que importa, que se eclipsasse no crepusculo, que a todos nos ha de offuscar, a intelligencia que se alteava nas luctas da palavra e nas fadigas do pensamento? Não se callou com o silencio d'aquella voz eloquente a tradição da sua politica affectuosa, nem a recordação dos commettimentos, que ornaram o seu curto ministerio com uma data memoravel. Os caprichos da fortuna, a variedade dos acontecimentos, as impaciencias soffregas, as ambições, as invejas, todas as injustiças e iniquidades, finalmente, que remordem e dilaceram a vida publica e a tornam quasi um holocausto, encurvaram o arco e despediram contra elle envenenadas setas. Nenhuma o feriu. A elevação moral do character fazia-o invulneravel.

A generosidade innata repellia do seu peito todos os resentimentos. No ardor do conflicto apertava a mão que o combatia. Os seus labios nunca disseram senão palavras de paz mesmo nas horas, em que mais ardia a guerra. Imaginação, talento prompto e arrojado, coração de pomba, desinteresse digno dos melhores tempos, vimol-o desviar-se das eminencias, que tantos buscam, e refugiar-se na meia obscuridade do lar domestico, conversando com os livros debaixo da copa umbrosa dos seus arvoredos; vimol-o despedir-se da vida, entalhando no seio cada dia com mais amor os extremos de cidadão, de amigo, e de chefe de uma familia adorada, que tinha n'elle tudo, e que no meio das tribulações dos padecimentos phisicos era a sua maior consolação e todo o seu enlevo.

Quando bateu a hora, já esperada, de proferir o ultimo adeus, a imagem livida do remorso não veiu assentar-se-lhe á cabeceira, e a saudade retratada no rosto de quantos cercavam o seu leito deixou-lhe adivinhar qual seria a dor da patria, que tanto amára, e que a essa hora chorava ainda a perda tão recente de um soberano, que na flor dos annos podia dar lições de reinar a principes muito mais adiantados em idade e experiencia.

O que um espirito, como aquelle, sente e antevê no momento em que mais é já da immortalidade, do que da terra, quem ousará rastrear-o, e muito menos descrevel-o? São mysterios e segredos que o tumulto calla comsigo; mas o espectáculo da morte de um homem, que de todos os sorrisos do mundo sómente guardou para si o que o orgulho engeita, e a consciencia exalta, é tão rico de exemplos e de verdades, que só o dedo de Deus pôde escrever a palavra sublime, que o resume.

II

Manoel da Silva Passos abriu os olhos no dia 5 de janeiro de 1801 em uma pequena aldeia, visinha do Porto, no berço humilde, mas não indigente, que o seu nome havia de illustrar.

A revolução franceza, chamma que abrazava então o mundo, allumiando-o, descanzava nos braços do consulado das agitações de tantos annos de discordia, e de prodigios. Sobre as ruinas da monarchia, da convenção, e do directorio acabava a gloria de levantar o soldado victorioso, que havia de cingir depois a corôa de Carlos Magno, e renovando os dias de Alexandre e de Julio Cesar, escrever, como elles, a epopeia de um grande seculo com a ponta da sua espada.

Portugal ainda adormecido ouvia por entre sonhos troar a voz do futuro pela bocca dos canhões, e não tinha animo de despertar. O silencio ás vezes nuncio e precursor das tormentas, que mais profundamente revolvem o solo, pesava sobre o povo e sobre o governo. Quando o sol do imperio despontava nos campos de batalha, e o ruido dos thronos e das velhas instituições a desabar fazia tremer o chão, tudo aqui era ainda noite e socego quasi claustral. A trombeta annunciava o juizo final do passado, a guerra, arbitra das nações, chamando por cada uma d'ellas obrigava-as a inclinar-se ao poder de Deus, e entre nós mal se apercebiam ao longe e confusamente os sinistros clarões do immenso incendio, que desde o Sena até ao Danubio, desde o Rheno até ao Newa havia de queimar a Europa

inteira para mais tarde germinar dos sulcos lavrados pelo ferro do conquistador a idéa triumphante das sociedades modernas.

Estes annos tão fertéis em transformações, que pareceriam fabulosas, se a dolorosa historia de tantos reinos as não confirmasse, para Manoel Passos correram intretidos com os ocios da infancia; e quando 1807 nos trouxe em fim com a invasão franceza o desengano, de que a fortuna não perdoa ás nações que se humilham, o futuro defensor da liberdade na tenra e descuidada puericia, em que entrára, mal podia conceber ainda, que esses homens de armas estrangeiros, que via passar amaldiçoados pelo patriotismo das populações, eram os mensageiros da providencia, os instrumentos cegos, mas poderosos, que ella nos enviava para se quebrar em fim o fatal somno de mais de duzentos annos, que nos immobilisára.

O amor da independencia restituiu de repente as forças e os brios ao paralitico. Tudo o que parecia morto nos instinctos nacionaes resuscitou. A indole heroica dos antigos Lusitanos renasceo, vendo novas águias pairar sobranceiras ás suas montanhas, ás ameias dos castellos, e ás torres das cidades. Um só grito soou por toda a peninsula, e apöz elle as serras, os valles, os desfilladeiros e as florestas brotaram uma geração de soldados, que o seu valor indomito tornou o açoute e o flagello da conquista. Volvendo em si, Portugal encontrou pela segunda vez em suas mãos a lança do condestavel e a espada de D. Sancho Manoel. Á maneira dos antigos cavalleiros velou as armas cubrindo com o peito as fronteiras violadas, e iniciou-se no culto da civilisação recebendo o baptismo de fogo e o baptismo de sangue das mãos mais gloriosas.

Deus abençoou a sua causa; a nossa autonomia foi salva; e logo depois, acalmado o estrepito da lueta em que desfalecêra o colloço imperial, duas vezes prostrado, principiou a fallar ainda timida, mas já escutada, outra voz mais pacifica, a das idéas de progresso politico e social, voz que dentro de alguns annos, engrossada pelo ressentimento, havia de converter-se em clamor, e condemnar em um só dia as injurias de tantos annos de trevas, de revezes, e de decadencia.

Em quanto com a feliz indifferença da juventude Manoel Passos atrahido pela interpretação dos classicos romanos suspirava com os pastores de Virgilio, invejando a Tytiro a sombra de suas faias, ou relendo as paginas de Tito Livio revia n'ellas as magestosas cerimoniaes do culto latino, as agitadas scenas do fóro, e as proesas militares de Roma, tão admiravelmente descriptas pelos mestres da eloquencia historica; em quanto as he-

roicas imagens dos grandes vultos da Grecia e do Tibre se gravavam profundamente na sua lembrança, e a phantasia arrebatada o transportava ao theatro hoje quasi apagado dos grandes feitos d'aquella raça gigante, as novas doutrinas em Portugal conquistavam adeptos, e os abusos que só a escuridão e a ignorancia podiam proteger, denunciados pela luz que vinha alvorecendo, queixavam-se das ousadias da philosophia, que apodavam de jacobina, prérgavam do alto dos pulpitos contra os erros e o atheismo dos que apellidavam inimigos do throno e do altar, e não encubriam o proposito de suffocar por um acto de estrondosa vingança a seita, que, nascida em França no berço da memoravel época de 1789, viam com terror crescer e dilatar-se entre nós, depois de já ter abalado em 1812 os alicerces do poder despotico na Hespanha.

No anno de 1817, em que Manoel Passos se matriculou na Universidade de Coimbra, republicano como todos os mancebos, mas republicano de Cornelio Nepote e de Salustio, e patriota de Roma e de Athenas, o desditoso Gomes Freire expiava no patibulo a imprudencia de se ter antecipado á revolução que ainda não tinha tido tempo de amadurecer nos animos. Quem sabe! Talvez aquelle sangue derramado pelo verdugo, depois de poupado nos combates pelos inimigos da patria, apressasse a hora, e mudasse as indecisões em deliberação inabalavel. O supplicio dos fortes sempre servio de lição aos povos.

Das cinzas das victimas espargidas pelo algoz cahio a semente, de que em 1820 rebentou ainda fraca de seiva, mas já com fundas raizes a árvore da liberdade. Inclinem-nos diante da memoria dos que primeiro a regaram! O sacrificio, que os immolou, era o primeiro passo na via dolorosa por onde tantos martyres se haviam de adiantar.

Esta foi sempre a condição de todos os progressos verdadeiros. Nenhum deixa de estampar um sélo indelevel na face da humanidade. Cada triumpho tem o seu preço de lagrimas e de sangue. Cada idéa, que prevalece, abre os caminhos do futuro por entre as duvidas dos que a temem, e apesar das calumnias dos que a combatem. Folheai ao acaso as paginas da historia da civilisação, e encontrareis as laudas mais notaveis tarjadas de luto.

Proximo do Golgotha, e já com os olhos da alma pregados na sua cruz, o Filho de Deus em um só momento padeceu todas as agonias do supplicio. Os que seguem de longe os seus vestigios, e á imitação do Mestre annunciam ao mundo a boa nova, não devem estranhar o escarneio, nem esquivar-se ás affron-

tas. Em premio da palavra de vida, que vem ensinar ás multidões tece-lhes a intolerancia a corôa de espinhos, e afia o fanatismo os cravos com que imagina infamar em um madeiro de ignominia a verdade, que o offusca. Só muito depois é que a posteridade recolhe como reliquias os ossos dos confessores do evangelho social, e ajoelhando proclama a santidade da sua missão.

Quem diria a Gomes Freire, tantas vezes respeitado pelas ballas francezas nas pelejas mais feridas, que subindo ao patibulo no meio dos improperios dos representantes do passado venceria a sua maior batalha? A obra interrompida pelo cutello em S. Julião da Barra outros a continuaram. Os obstaculos, que o destruíram a elle, cahiram inermes aos pés dos que lhe succederam. A força que o suffocou era a mesma que annos depois saudava no Porto os estandartes da patria regenerada!

A fortuna volta as costas de ordinario aos que se deslumbram com os raios da aurora, e saindo dos trilhos batidos, com a vista no porvir, mal chegam a divisar a terra da promissão, em que nunca lhes será permittido entrar. Similhantes a Moyses, o espirito de Deus consome-os, e guias de povos, embora alcem de cima do Sinai as taboas da lei, ao baixar da eminencia, theatro da sublime vocação, aguarda-os a morte, ou a ingratição. Perguntai ao Dante, e a Savonarola, o que lhes promettia a esperanza, e o que lhes deu a realidade. Nem um tumulo na terra do seu berço para repousarem depois de adormecidos! O exilio, a fogueira, e a oppressão, eis os littores e o cortejo dos que a providencia manda adiante afim de precederem com a luz da intelligencia as trevas da sua época!

III

A mocidade de Manoel Passos e de seu irmão José da Silva Passos, do qual desde as recreações da infancia e da puericia foi sempre inseparavel, era ainda muito tenra para ambos meditarem detidamente sobre as severas lições d'aquelle cadafalso, em que a reacção estreava as iras, que haviam de ensanguentar por tantos annos a terra portugueza. De certo o generoso coração do mancebo detestou o attentado juridico, deplorou o sangue vertido, e cada vez mais embebido nos quadros heroicos da antiguidade procurou esquecer na innocencia do seu republicanismo theorico os sombrios horisontes, que de dia para dia se iam cerrando sobre a patria. Entre o estudo, a que o con-

vidavam o engenho e os brios academicos, e a natural impetuosidade das paixões e dos affectos juvenis, cursava as aulas, conversava as musas, e distrahia o enfado do austero ensino nas faculdades de canones e de direito, devorando a occultas os livros de philosophia politica e de historia contemporanea, que a censura marcava com o seu index como fructos prohibidos, e que a intolerancia dos apóstolos do silencio e da immobilitade accusava de encerrarem todo o veneno, de que então adocciam as nações mais cultas da Europa.

O que esta leitura produziria em um animo, como o seu, inclinado por indole a todas as idéas elevadas, é facil de conceber. Foi como se lhe rasgassem de repente uma venda, e lhe restituissem de novo a vista. As reminiscencias classicas, os falsos idolos a que dera cultos em Roma, em Sparta, e em Athenas, os infortunios illustres, que admirára nos versos dos poetas latinos e nas paginas inspiradas dos grandes prosadores, tudo desapareceu diante da grandesa tragica e actual d'esses vultos, que tinham vivido hontem, e que entre a dupla ameaça da vingança dos reis e das prescripções republicanas, capitães e legisladores quasi ainda na adolescencia, sabiam orar na tribuna como Domosthenes e morrer aos primeiros tiros do inimigo como Marcellus.

Se o indignaram as atrocidades do terror e as vilezas do directorio, como não haviam de sobresaltal-o agradavelmente tantos rasgos heroicos de valor civico e militar, tantos exemplos dignos da virtude antiga dados sem ostentação, e applaudidos como tributo devido á pureza das instituições? O que eram, ou podiam significar, comparados com os titões da revolução franceza, os apagados typos, que a rethorica escolar lhe ensinára a respeitar? A existencia, os costumes, e a civilisação, que estes representavam, muitas vezes por distantes perdiam o sentido, em quanto a voz do Mirabeau, trovejando sobre uma assembléa quasi dos nossos tempos, e suscitando os problemas mais arduos da grande éra, a que a sua eloquencia serviu de prologo, reduzia a pó com o sopro inflammado da palavra um após outros todos os florões da corôa gothica de S. Luiz!

Mas quando fechava o livro, e deixava fugir o pensamento pela immensidade, que elle percorre em um só momento, que tristeza e que mudez não eneontrava ao contemplar o seu Portugal, curvado por uma velhice antecipada, petrificado pela apathia morbida de um poder, que nem sabia ser da sua época, nem das passadas! Que spectaculo melancolico para uma imaginação tão ardente, para uma alma tão affectuosa!

Desfalecida dos golpes quasi mortaes, recebidos na lucta da independencia, a paz fôra para a patria, berço de tantos homens distinctos, gloriosa mãe de dois seculos de atrevidos commettimentos e de heroicas acções, quasi um segundo somno, mais profundo e perigoso, do que o primeiro, porque resistia a todos os estímulos. No governo, ausente o rei, a incerteza, a incapacidade, o desalento, e a sujeição á voz imperiosa de uma tutela tão aggressiva, como odiosa. No povo, rudeza, ignorancia, e obediencia machinal. No exercito desprezo dos serviços recentes, e galardão só concedido aos cortesãos da influencia britannica, então preponderante. A fazenda publica exhausta; a magistratura obrigada a mendigar do valimento todos os despachos; os empregos negados ao merecimento, e repartidos como herança jacente pelas classes privilegiadas. Um embaixador e um general, delegados prepotentes do gabinete britannico, fallando mais alto do que o soberano e do que as leis, e constringendo a regencia e a corte a subscreverem humildemente aos seus decretos!

O commercio paralisado. As industrias arruinadas, ou extintas. Uma rede de coações onerosas, de direitos reaes, de invenções usurarias apertando em suas malhas cada vez mais estreitas a agricultura agonisante, e empobrecendo por meio dos dizimos, das jugadas, dos quartos, e de todas as outras alcavalas oppressivas, o lavrador condemnado a vêr a fome sentada ao seu lar deserto, e a abundancia mal adquirida zombando da miseria no regaço da indolencia com os celeiros e as adegas atestadas dos despojos do trabalho espoliado.

Um clero fanatico, indouto, e cioso da sua jerarchia. Claustros, aonde a relaxação de institutos monasticos introduzia as vaidades mundanas, afugentando a penitencia e a austeridade. A par d'isto a censura e a inquisição, duas mordças, dois potros permanentes, sempre vigilantes, abafando a liberdade de consciencia, ou mutilando a liberdade do pensamento! Em cima autoridades, que nem sabiam encobrir os stigmas da servidão e a vergonha da nudez intellectual com a dobra do manto real, que lhe emprestára a corôa. Em baixo multidões sedentas de justiça, manietadas pela inercia do poder, desherdadas do seu quinhão de luz e de progresso, apalpando o caminho no escuro, e tropeçando a cada passo em um abuso, em um privilegio escandaloso, ou em uma propotencia flagrante! Eis as feições não exageradas da physionomia de Portugal n'aquelles dias desditosos.

O que eram e valiam as letras dizem-o entre muitos dois no-

mes, Boccage e Tolentino. O que podiam as antigas recordações do nosso esplendor affirmavão-o a dictadura arrogante de lord Beresford e a cumplicidade do governo do Brazil! O que o povo sentia, padecia, e desejava revelou-o a explosão irresistivel da revolução do Porto, revolução menos politica na essencia, do que as palavras e os actos inculcaram, e mais filha da impaciencia dos agravos, do que do convencimento das doutrinas constitucionaes.

O maior numero dos que a seguiram pedia primeiro que tudo a alforria do jugo inglez, a restituição da independencia sequestrada nas mãos dos proconsules estrangeiros, a presença do rei pelo qual o reino tinha morrido e pelejado, e o termo do opprobrio, que feria a todos, rebaixando a metropole ao papel de satellite de uma colonia sua. O resto!... sabia-o Manoel Fernandes Thomaz, sabia-o José da Silva Carvalho, sabia-o D. Francisco de S. Luiz, sabiam-o emfim poucos, bem poucos mais, que uniam á ousadia que executa, o conselho que medita, e a idéa que illumina.

Não nos illudamos, e não accusemos em vão os liberaes de 1820. O seu nome não era legião. Passado o impeto, satisfeitas as maiores exigencias, e reparadas as injurias mais repugnantes, contando-se pela segunda vez acharam de menos nas suas fileiras a maioria da nobreza, que o seu instincto advertia, os conventos, que não podiam pactuar com a reforma, ou com a secularisação, e todos os privilegios, que liam nos discursos pomposos dos Licurgos inoffensivos das Necessidades a sentença de morte de suas regalias e vantagens.

O povo, a multidão, entre o confessor e o alcaide, entre os frades e os dezembargadores, acclamava a liberdade sem ainda a entender e praticar, e logo depois corria atraz do coche de el-rei D. João VI, acclamando a sua realeza obesa e pachorrenta com o mesmo fervor, e de certo com mais intrepidez.

As cortes oraram, as sociedades patrioticas discorreram, os jornaes escreveram e imprimiram, a guarda nacional fez sentinellas e deu piquetes, a inquisição cahiu, a censura expirou, os direitos banaes foram riscados, mas tudo o que no antigo regimen ainda conservava um resto de vigor e de vida resistio, sustentou-se, e tramou a queda das instituições, prevenendo não sem razão, que se chegassem a consolidar-se e a desenvolver-se, mais tarde, ou mais cedo lhe havia de ser fatal.

A sociedade ainda não estava madura e educada para supportar sem grande abalo o remedio heroico de uma constituição

tão democratica. Quando se desvaneceu a seducção da novidade, e deixou de pungir tão de perto o espinho das offensas patrioticas, os campos extremaram-se, as opiniões dividiram-se, e a reacção apostolica ,recenceando os seus deffensores, vio com jubilo que tinha, consigo quasi todo o reino... E tinha na realidade! Só lhe faltava a influencia das idéas. Essa dá-a só o futuro, e bastou para vencermos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.

BIBLIOGRAPHIA.

TRADUÇÃO DOS FASTOS DE OVIDIO,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



esde os fins do seculo xv, quando as rudes usanças e convenções feudaes foram substituidas pelas instituições civis e pela politica despotica do imperio dos cezares, começaram as letras gregas e romanas, subretudo as ultimas, a ser tão vulgares entre nós, que não só a litteratura nacional se organisou pelas condições da latina, mas até a lin-

guagem foi ali buscar inexhaurivel thesouro de vocabulos, de figuras, de phrases e locuções, com que encobriu a humildade e pobreza primitivas. N'esses tempos de absolutismo litterario, esquecidos o tom e os modos da genuina poesia portugueza, latinizado cada vez mais o nosso idioma, fundida toda a sciencia nos moldes da antiguidadê, fôra loucura, e acaso sacrilegio, reduzir a fórmulas por certo menos correctas, os grandiosos monumentos da idade heroica das letras; e d'ahi proveio, talvez,

a mingua de versões portuguezas dos mais notaveis escriptos greco-romanos, escriptos aliás predistidados, pelos prodigios do talento e da arte, para viverem na historia litteraria de todas as nações. Hoje, porém, que a veneração, um pouco idolatra, ás preciosas reliquias da sociedade antiga tem declinado a tal ponto, que da Grecia e Roma pagãs já quasi só os nomes sobrevivem, parece-nos conveniente recordar, por meio de traducções elegantes e fieis, esses escriptos millenarios, senão como exemplares com que todos forcejem por conformar-se, ao menos como memorias do passado. Quanto á poesia, cumpre confessal-o sem rodeios, essa resurreição do mundo antigo é um elemento fecundo de gratas e proveitosas lições, que não póde impunemente dispensar-se. Nas paginas sublimes de Homero, de Anacreonte, de Pindaro, de Virgilio, de Horacio e de Ovidio ha ainda bastante que aprender, embora o mundo tenha caminhado com passos firmes e constantes, porque a poesia não depende d'esse progresso lento de calculos e raciocinios, de invenções e aperfeiçoamentos, a que se chama civilisação, e porque as theorias classicas, com serem em grande parte incompletas e erroneas, podem todavia mondar de muita ruim planta os campos feracissimos da litteratura moderna.

«Muito nas boas horas, diz o sr. Castilho na introdução dos *Amores*, continuemos a cultivar a poesia devaneadora e metaphisica, vaga e vaporosa; a poesia sonho, meio sceptica, meio mystica, espiritual e carnal ao mesmo tempo, social e egoistica; a poesia que sonda todos os arcanos, que descobre ou inventa relações continuas entre os mundos do espirito e da materia; poesia pantheistica, principio, meio, fim e alma de toda a natureza. Cultivemol-a, mas revejamos e reconsideremos tambem aquella outra poesia, que já deu lustre a seculos de que a historia não tem de se esquecer, aquella poesia irmã das estatuas que não morrem, e das architecturas, que, ainda em ruinas desconnexas, attrahem os peregrinos do bom gosto; aquella poesia menos scismadora e menos intima, porém mais humana, mais ridente, mais dada; que não atravessará equadores, não se engolpará por oceanos desconhecidos, á busca, por entre cerrações e naufragios, de novos céos, novas florestas e novos homens; mas que viaja por prazer, sempre á vista da terra conhecida; poesia temperada, equidistante de todos os excessos; sem tanto fogo como a sua rival, mas sem tanto fumo tambem; sem tantas eminencias, mas sem tantos despenhadeiros; poesia cujo perenne modelo é a mesma natureza phisica e moral, tal como ella se deixa ver ou entrever pela maioria dos espiritos,

sentir ou entresentir pela maioria dos corações; poesia, por consequencia, para a qual a exacta correccão das fórmulas, e a elegancia convenientemente sancionada são deveres a que não julga deshonra submeter-se.»

D'estas considerações onde tão judiciosamente se acham avaliadas as musas antigas e modernas, e do conhecimento profundo da litteratura latina, que o sr. Castilho contrahio nos estudos classicos, nasceu a idéa de traduzir Ovidio. Reconhecendo que podia tambem por esse lado ser util á santa causa da nossa regeneração litteraria, para a qual tem já contribuido com tantos outros serviços relevantes, o maior poeta portuguez dos nossos dias resolveu não poupar sacrificio, nem de tempo, nem de trabalho, nem de um justo e natural orgulho, para reproduzir na lingua patria, com a precisa elegancia e suavidade, os poemas que nos restam de Ovidio, poemas que occupam um alto logar entre as obras mais afamadas do seculo de Augusto: e entregue a concluir essa tarefa, que ainda os animos mais robustos a custo emprehenderiam, tem já publicado os *Amores*, a *Arte de Amar*, as *Metamorphoses*, o *Remedio do Amor*, e finalmente os *Fastos*.

São os *Fastos* um quadro em que Ovidio lança com pincel eximio alguns traços principaes do viver e crer dos romanos. Dogmas e institutos sacros, festas e superstições populares, philosophia, historia, costumes e habitos d'esse mundo e tempo grandiosos, tudo renasce, se descobre, se levanta, se organisa, se associa e se transforma em torrentes e catadupas de poesia. Ahi se vêem, d'envolta com as mais graciosas e phantasticas pinturas, noções vastas da sciencia, que então havia e se julgava verdadeira. Ahi se descobre, sem as formas magestosas mas demasiado duras dos historiadores antigos, a vida social do povo romano, a cujo exemplo deveram talvez nossos avós o animo audacioso e guerreiro, e a energia e firmeza que mostraram nos grandes riscos da patria. Ahi se reconhecem, em fim, desenhados com assombrosa flexibilidade de imaginação e d'estylo, os amores, os extremos, as magoas e os prazeres da mocidade; o pudor, o galanteio, a ternura feminis; as saudades, os desgostos, a prudencia e austeridade dos velhos; os vicios e remorsos das creaturas pervertidas; as nobres empresas e os sublimes sacrificios dos varões famosos; os caracteres extraordinarios e altamente poeticos das diversas divindades.

Mais um merito, tambem de summo interesse, tem ainda os *Fastos*: o de tornar perceptíveis, melhor dô que qualquer outro testemunho historico, as varias transformações por que passou

a religião romana, desde as simples e grosseiras usanças dos seus primordios aldeãos, até o brilhante seculo em que começaram a vogar as superstições aziaticas. Os romanos, presentindo-se destinados a dominar o mundo, não empregavam só as armas para submeter as nações vencidas; introduziam-lhes as suas colonias, as suas instituições, as suas leis, os seus usos, os seus espectaculos, as suas escolas, a sua civilização moral e material; recebiam-lhes os productos da agricultura e da industria; outorgavam-lhes os foros de cidade e naturalisação; e trocavam com ellas os proprios deuses, acolhendo todos os cultos, e fazendo, por assim dizer, da capital dos povos o pandemonio do polytheismo; mas esta politica de conquista e assimilação, que produzio por um lado o predomínio duradouro e quasi universal de Roma, foi que, para descônto, trouxe a essa gente de fé robusta e sincera a perversão de todas as leis e tradições religiosas. Todavia os escriptores coetaneos, deslumbrados pelo esplendor que derramavam em volta de si os homens eminentes, não avaliaram como deviam as causas e consequencias d'esses successos capitaes; e é nas lendas do poeta sulmonense que se encontra a historia da religião romana, com testemunhos e indicios, que, se não podem sempre ser acceitos com segurança, nem por isso deixam de representar no essencial as opiniões mais admissiveis a similhante respeito.

Começa Ovidio por indicar-nos os cultos do Lacio, n'essas eras que nas recordações de Roma podem ser tidas por analogas aos tempos heroicos da Grecia; refere-nos como, existindo Romulo (ou a época que este nome symbolisa), a vida religiosa e civil da rainha futura das nações se constituiu e robusteceu pela reunião simultanea ou consecutiva dos povos e dos ritos do Lacio, da Sabinia e da Etruria; mostra-nos a influencia da civilização hellenica modificando consideravelmente as idéas e as crenças da gente romana, quando a grande republica, já emendada da primeva rusticidade, ainda não se deixára corromper pelas riquezas e pelo fausto; e apresenta-nos, emfim, um rapido bosquejo dos idolos monstruosos, das ceremonias deshumanas ou impudicas, das festas desordenadas e torpes, que o Oriente começava a transmittir ao Imperio, e que actuavam com tanta mais força, quanto a mescla das gentes, o encontrado e confuso das seitas, a incredulidade das classes illustradas, a depravação dos costumes publicos, as dissensões intestinas e as guerras estrangeiras haviam derrubado as balisas, que no principio estremavam os antigos habitantes da Italia e as numerosas raças subjugadas.

Tal é o pomposo espectáculo que Ovidio nos descobre, trazendo á memoria nos seus versos, como em carros triumphaes, os fastos theocraticos, guerreiros e politicos da antiga Roma, d'esse povo a que ainda nos ligam tantas e tão completas analogias na linguagem, nos costumes, na legislação, nos accidentaes do culto, nas superstições populares, nos habitos e affectos litterarios, nas feições mais caracteristicas de nossas virtudes, no espirito aventureiro e bellicoso da nossa passada gloria. Pondo de parte, porém, o grande valor historico do livro, e apreciando embora como fabulas o fructo de indagações ás vezes aridas, e de conjecturas mais ou menos verosimeis, não é possível, apesar d'isso, desconhecer o encanto soberano que resalta d'essa téa cambiante e phantastica de aventuras maravilhosas, de acontecimentos memoraveis, de scenas patheticas ou risornhas, solemnes ou familiares, com que apenas alcançam comparar-se as mais animadas pinturas do fecundissimo Ariosto.

Logo ao principio da leitura dos *Fastos* revella-se o poema grandiloquô e ameno; variado como o aspecto da natureza e as vicissitudes da vida; claro, elegante, instructivo e delectavel; embrião talvez do romance moderno, do modo porque o concebeu o immortal Scott, mas nunca d'essas novellas vãs ou damnosas, sem verdade, sem juizo, sem inspiração, sem gosto, sem proposito moral ou litterario, que, quando algum fructo produzem, é só o entristecer e acovardar os animos, como se não bastassem os males d'este mundo tão dolorosos, tão infalliveis e tão irremediaveis, para acugular de amarguras a pobre existencia humana. Adivinhandô com um certo *quid divinum*, que é prerogativa do genio, os mais occultos segredos da verdadeira poesia, Ovidio consegue vibrar as cordas de todas as paixões e affectos, sem recorrer a exaggerações extravagantes e turgidas, que aggravam o bom senso, e nem sequer alcançam disfarçar a pobreza dos pensamentos. Para obter de um modo seguro a attenção dos leitores, e interessal-os deveras nos casos que commemora, soccorre-se principalmente do condão milagroso dos contrastes, ligando sem o minimo constrangimento cousas graves ou desastrosas a situações alegres ou louças, e animando umas e outras com a correção do desenho, com a viveza das côres, com a boa distribuição de luz. O estylo, ás vezes elevado e sublime, é muitas mais gracioso e terno, como de homem em cujo coração, nem sempre sem energia, dominava sobretudo extrema sensibilidade. Os similes, quando são feitos á imitação dos de Arato, de Hesiodo, de Tibullo ou de Propercio, igualam-os e não parecem copias; quando são originaes ressum-

bram tanto vigor, que auctoridades competentes não têm duvidado avantajal-os aos proprios de Virgilio. Finalmente as galas da linguagem, a pureza da phrase, o tacto nos vocabulos, o character da dicção em tudo adequado aos assumptos, já vivo e conciso, já derramado e florido, a cadencia, a suavidade, o rithmo e melodia dos sons, todas essas e tantas outras qualidades, que se encontram a cada passo nos seis livros dos *Fastos*, offerecem justificado motivo para o applauso universal, que sempre têm recebido a despeito de quasi dous mil annos e de tantas e tamanhas revoluções.

Quanto á versão é incontestavel que não fôra possivel escolher nem mais perfeito poeta, nem mais cabal traductor. Dotado em summo grau de todos os caudaes recursos, que dão a natureza e o trabalho; podendo antever ainda em vida a immortalidade do seu nome, não pelos applausos de um dia, que são a parodia da gloria, mas pelo voto collectivo e unanime com que todos o respeitam e acclamam; e pertencendo ao passado pelas reminiscencias da sua educação classica, e ao presente ou antes ao futuro pelo seu bom juizo e apurado gosto, ninguem melhor do que o sr. Castilho está fadado para enriquecer a sua terra com as mais preciosas reliquias, que dos antigos nos ficaram. Reproduzir fielmente não já a lingua, que é o menos, mas o pensamento, a forma, a harmonia e a vida dos grandes poemas, é empreza tão arriscada, que raros poderão tental-a com exito feliz. Quando, porém, o poeta traductor é digno do poeta traduzido, dá-se entre ambos uma verdadeira lucta e por ambos se reparte a gloria. «Tem por si o author a vantagem, como observa o sr. Castilho no prologo das *Metamorphoses*, de haver escolhido e preparado o terreiro que lhe convinha, de ter n'elle apparecido primeiro a grangear favor, e de ter sido ahi provocado pelo seu antagonista; a primeira d'estas tres circumstancias lhe confere melhora pessoal; as duas ultimas favor dos espectadores juizes, que, se a elle lhe não accrescenta a coragem, indubitavelmente a diminue á parte adversa; póde logo esta com bom direito, para igualar tantas desigualdades, soccorrer-se a muitos generos de industria, entre os quaes tem o primeiro e melhor logar o de metter de repente todo o cabedal das proprias forças, logo depois que as alheias nos vergaram, a fim de tambem alguma vez as assoberbarmos; quem, o que perde em um momento, o resarce logo no seguinte, senão é vencedor, tambem á fé que não é vencido. Mas para esta esgrima de Antheo com Hercules, para das quedas tirar accrescentamentos de brios, quão grandes cabedaes e mor-

gados de patria linguagem não é preciso possuir e ter á mão?» Todavia n'essa lucta portentosa com antagonista como Ovidio, lucta para que mal bastaria o esforço simultaneo de muitos talentos distinctos, sahio sempre triumphante o nosso poeta, que soube levar de vencida o grande romano, percorrendo como elle todos os estylos, abraçando todas as situações, e reunindo a grandeza do pensamento e sobretudo do affecto á exacta correção e á graça irreprehensivel da fórma. Assim, quer descreva as procellas da natureza e as mais terriveis ainda do espirito, quer se requebre em jubilo amoroso ou se entorneça de melancolia e de saudade, o traductor dos *Fastos*, empregando sempre com inimitavel propriedade o vocabulo que pinta, o som que falla, a expressão que mais corresponde ás varias idéas, ás diversas paixões e affectos, á natureza, ao character, á disposição e circumstancias do assumpto, consegue animar todo o poema com aquelle esmero no maximo e no minimo, que grava o selo da perpetuidade nas paginas das suas obras.

Que mais diremos? Analysar, embora succintamente, as graças e primores de eloquencia, de sentimento e de phantasia, que avultam n'este poema; o enlevo de um estylo terso, nobre, elegante e sympathico; o castiço emprego do nosso tão rico e formoso quanto desprezado idioma; a sumptuosidade de uma versificação deliciosa, que não destôa nunca da melodia do texto latino, e muita vez se lhe avantaja em merito de difficuldades vencidas; os lances de harmonia imitativa que supprem com o som mechanico das vozes a vida, o movimento e os variados matizes dos quadros naturaes, não cabe nos limites de um artigo, quando para o fazer devidamente mal chegaria um volumoso escripto. Demais, annunciando a traducção dos *Fastos*, não tivemos a louca fatuidade de individuar tudo o que n'ella ha excellente; mas foi apenas o nosso empenho (sem humildade hypocrita o dizemos), abranger n'um juizo claro e breve as impressões que nos causou a leitura d'este livro, digno de competir sem receio com as obras primas dos grandes mestres, publicadas entre as nações mais cultas. Concluimos, por isso, a tarefa que nos impozemos, congratulando-nos deveras por mais este monumento de poesia e de linguagem, com que podemos mostrar ao mundo e aos vindouros, que, se os erros dos homens e os revezes da fortuna destruíram para Portugal o poderio e gloria de outras eras, não aniquilaram do mesmo modo o seu renome litterario, para o qual ha talvez hoje mais justos titulos do que nunca.

I. F. SILVEIRA DA MOTTA.

O FILHO DO GUARDA JOIAS



onheci na opulencia o sr. Domingos Tiburcio Braga, recebendo ás quintas feiras em sua casa a melhor roda de Lisboa, fallando com os artistas de Miguel Angelo e da escola flamenega; com os politicos de Pitt e de Fox, como seus contemporaneos e amigos; com os industriaes das fabricas de Manchester; com os musicos de Litz e de Talberg; finalmente com os estouvados das mulheres da Circassia e das dançarinas da grande opera. Era uma grande alma o sr. Domingos Tiburcio Braga!

Tendo corrido as cinco partes do mundo, era um gosto vêr o desdem e a pouca importancia que elle dava a tudo o que a historia celebra e a poesia canta. Fallava do Vesuvio quasi como o faria de uma lamparina, e das cataratas de Niagára pouco mais ou menos como do modesto repucho do passeio publico. Em coisas de amor era então abertamente sceptico o sr. Braga, e os seus mandamentos, que eram muitos, reduziam-se a dois como no decalogo, dinheiro e astucia.

Assim feito não havia desgosto que entrasse com elle se dizendo

já qual era o se ficâmos sem romance, e por isso peço licença á leitora para remontar á infancia do nosso heroe.

Quando os francezes entraram em Portugal tinha a senhora Anna Maxima desoito annos, e arrastava-lhe a aza um famulo do arcebispo de Braga, em cuja cidade ella nascêra. Com os alvoroços da guerra, e as incertezas de coração de que a senhora Anna Maxima deu sobejas provas toda a sua vida, não se effectuou n'esse anno o projectado casamento, e Domingos Affonso, o famulo do arcebispo, alistou-se pouco depois em um corpo de milicias, voluntariamente contava elle por basofia ao acabar a guerra, violentado pelo juiz de fóra diziam os visinhos, e é de crêr que essa fosse a verdade.

Sair das ladainhas para o serviço de pelotão não é tão facil como á primeira vista parece. Á sua apostolica marralhice deveu Domingos Affonso chegar ao fim da campanha são como um pêro e com uma dóze regular de philosophia de tarimba, que elle temperava com as ecclesiasticas reminiscencias da sua primeira profissão. Os camaradas tinham-lhe posto por alcunha o *Padreca*, alcunha que conservou até ao fim da vida. Era elle que ajudava á missa ao capellão do regimento, accumulando estas funcções com as de sangrador, officio para que Domingos Affonso tinha uma singular tinêta.

Sete annos andou o miliciano por fóra de sua casa, ou antes da do arcebispo a que elle fraternalmente chamava sua, deixando Anna Maxima, menos pachorrenta que Penelope, entregue aos cuidados do fuso e da roca, que nem sempre matam ruins pensamentos, se é que ás vezes os não accendem. Durante este tempo escreveu Domingos Affonso algumas cartas para Braga, a um primo que tinha estabelecido como pentfeiro, pedindo-lhe que não perdesse Anna Maxima de vista, dando-lhe minuciosas informações de lord Beresford, e circunstanciadas noticias, copiadas da *Gazeta*, ácerca da saude do príncipe regente. Mas, ou estas cartas não chegavam ao seu destino, ou o primo receiava metter-se em cavallarias altas, entrando em explicações familiares sobre o assumpto, o caso é que Domingos Affonso nunca recebeu da terra nem novas nem mandado. Preencheremos nós esta lacuna.

Longe da vista longe do coração, diz o dictado. Emquanto o famulo do arcebispo andava atarefado em salvar a patria, Anna Maxima se não ouvia complacente, tambem não dava de mão aos requebros de um confeitoiro, já maduro de idade, que lhe punha sempre um amoroso *já está pago* em todas as contas do chá e do assucar que Anna Maxima lhe gastava da loja. Diga-se porém a verdade, Domingos Affonso, apesar das blandicias do confeitoiro, não

estava de todo banido da memoria da sua antiga requestada, mas o primo é que temia ser informador leviano em negocios de consciencia, e por isso se fechava com o que sabia e ouvia dizer, que era, segundo o costume, alguma coisa além do rasoavel.

Ao acabar a guerra voltou para Braga o ex-miliciano, e o arcebispo recebeu-o de braços abertos, elevando-o um grau na sua domesticidade, isto é, passando-o de simples famulo que fôra a guarda joias da mitra, e chronista verbal das antiguidades bracharenses, que elle relatou compungido até ao fim da vida por todas as tabernas da diocese, a contento do clero que elle incensava, da nobreza que recuava além da fundação da monarchia, finalmente do povo que Domingos Affonso instrua deleitando com poeticas lendas, e pavorosas narrativas d'almas penadas e de judeus grillhados pela santa inquisição.

Era um livro aberto o guarda joias da mitra, especialmente em occasiões, e não eram poucas, em que regava com tres ou quatro garrafas de vinho verde a sua já fluente erudição. Que mais temido rival podia topar o confeitoiro, ou que mais acabado marido ambicionaria Anna Maxima do que este almanak vivo das glorias da sua terra natal?

Dadas entre os dois namorados as convenientes explicações, e obtida prévia licença do arcebispo, começou Domingos Affonso a deitar as suas linhas para o matrimonio resumindo as suas visitas á taberna, moderando a libertinagem da phrase nas narrações da vida soldadesca, avergando de bentinhos o pescoço de Anna Maxima, e enchendo-lhe o oratorio dos mais authenticos registos e laminas de santos de maior fama de martyrio soffrido com evangelica resignação.

Assim preparado, e para lisongear o seu protector, escolheu Domingos Affonso o dia 26 de março para mudar de estado. Celebra a igreja n'este dia a beatitude de S. Martinho Dumiense, arcebispo de Braga, e por isso o marcára o guarda joias da mitra para estreia da sua nova vida, auspiciando venturas do nome do seu patrono, e prestando por este modo tributo á sua veneranda memoria. De economias dizia elle, de ladroeiras affirmava um conego da Sé que o não via com bons olhos, juntára Domingos Affonso as suas cincoenta moedas de oiro, e tencionava pôr de futuro com ellas um padejo, se a morte o não roubasse ao esplendor dos fastos bracharenses anno e meio depois de casado, exactamente quando elle começava a torcer a orelha pelo passo errado que déra, trocando a sua liberdade de chronista celibatario pelas variadas peripecias do matrimonio. Poucos nos parecem os ramos de loiro que denunciam aos devotos de Baccho as tabernas de Braga para engrinaldar a frente

de Domingos Affonso, homem ainda hoje fallado em todo o arcebispado com o respeito devido á memoria dos eruditos que desenterram do pó frescas e vivas as gloriosas tradições dos tempos que foram: mas é de seu filho e não d'elle que nos impozemos o dever de narrar as acções e a historia.

Anna Maxima acceitando por testamento a tutella do futuro herdeiro de um grande legado—o nome popular de Domingos Affonso—apenas viu seu filho desemburrado e em idade de tomar direcção, pregou com elle no seminario a aprender latim, e eram idéas d'ella encostal-o á igreja, a cuja sombra medrara e florira o seu defunto homem, se o rapaz não fosse, como mais tarde se verá, tão mundano como o pai que o fôra devéras, mas puchado pelo sangue para aventuras que Domingos Affonso se contentára apenas de narrar em estylo mitaculoso.

Os mestres do seminario lembrados do muito que deviam á tagarellice de Domingos Affonso, olhavam-lhe pelo filho como creatura da casa, e já os mais prophetas se reviam n'elle como em um futuro ornamento da cleresia lusitana, quando os olhos negros da sobrinha de mestre frei José da Immaculada Conceição veio, pondo Braga em polvorosa, mostrar o que já era e o muito que ainda se podia esperar do filho de um grande homem. Aconteceu assim o caso.

A sobrinha de frei José, Marianninha lhe chamava o tio, tinha lido ás escondidas uma novella, traduzida do francez, em que uma menina destinada a entrar no convento se tomára de amores por um rapaz que a roubára de casa em uma noite tenebrosissima, e depois de varios incidentes romanescos, em que entravam salteadores, se vira finalmente salva, casada e feliz com o seu audacioso roubador.

Comparando esta leitura com a do breviario do tio, e a arrogancia do namorado da novella com o espapaçado e bonacheirão character de frei José, concluiu Marianninha que o mundo não era Braga, que os frades não eram homens, e até que era insipida a oração do justo juiz! Vae longe a andorinha que assim levanta o vôo.

Uma tarde de agosto, por signal que ardia tudo em calma, sahio Domingos Tiburcio do seminario, para espairecer um pouco com destino ao Senhor do Monte, quando ao virar uma das estreitas ruas da cidade viu entre-aberta a gelosia de uma casa de modesta apparencia, e cosida com a rotula uma linda rapariga de deseseis annos que cantava a meia voz um *gloria in excelsis deo*, enrequeitando distrahida uma alvissima toalha de altar, a que nada cedia em brancura a mão afillada da costureira.

Domingos Tiburcio estava na feliz idade em que o coração borbulha espontanea poesia, e em que, por muito que a vontade se torça, não ha regras de Genuense que prestem, nem regidez claudral que mirre a seiva luxuriante da vida. Ao ouvir a argentina voz de Marianninha, porque era ella quem cantava, o seminarista estacou enlevado, e ao erguer os olhos encontrou-os com os da sobrinha do theologo Frei José da Immaculada Conceição, o homem que mais fiel se conservára á memoria do seu pai, e de quem elle proprio sugava diariamente o mais puro leite da philosophia escolastica.

Quiz Domingos Tiburcio por um instantaneo repellão da consciencia fugir ao peccado, deixando quieta no seu ninho a avesinha que gorgeiava, mas o demo, que é o mais fino espicador de affectos de que ha noticia, de tal fórma o enleiou na armadilha, que o pobre seminarista ficou por assim dizer grudado ao chão, como os santos livros resam que acontecêra á mulher de Loth só por olhar para traz contra a prohibição divina.

Apesar de ser a primeira vez que um homem assim a fitava com os olhos do coração, Marianninha, que tinha espelho, não estranhou nem levou a mal o pasmo do seminarista. A pretexto de recolher um canario que tinha a tomar o fresco da banda de fóra da janella, ergueu-se, e foi então que Domingos Tiburcio perdeu de todo o siso ao ver a esbelta figura e a delicada cinta da sobrinha de Frei José.

Orphã de pai e mãe, Marianninha fôra posta pelo tio na companhia de uma senhora já idosa que passava metade do dia a trepar para o ceu em orações ineditas que lhe escrevia o confessor e a outra metade no seu mister de doceira, em que tão perita era que não só vivia abastada, como lhe sobrava ainda com que socorrer piedosamente a capellinha das almas de que passára, por natural transição, de devota, a protectora. Para a senhora D. Maria da Esperança (se o dom fosse postigo ella de certo o não acceitava) o mundo era uma especie de sala de espera do inferno, e via a copia fiel do cão tihoso em qualquer homem que não tivesse pelo menos um pé dentro da igreja. Frei José vinha a miudo vér a sobrinha que achava bonita, e tinha a fragilidade de lh'o dizer, ferindo assim a modestia da senhora D. Maria da Esperança que replicava sempre muito offendida: «Sim, sim, de carne e osso como outra qualquer. Bonita é quem se não emporcalha com vaidades: bonito era tambem Satan antes da queda.» O hom de Frei José sorria-se, battia pausadamente nas paredes da caixa do rapé e offerecia-lhe uma pitada que ella acceitava de boamente, se não era dia de jejum, porque n'esse caso a senhora D. Maria da Esperança entendia que nenhum dos sentidos devia ser lisongead.

Além da philosophia que Frei José ensinava por obediencia ao superior da sua ordem, os livros de Brotero e do padre Theodoro de Almeida eram os seus encantos. A cêrca do convento era sufficientemente grande para as suas experiencias botanicas, mas os novicos eram nas horas da recreação peiores para as suas queridas plantas do que quanta lagarta havia na horta, e do que quantos caracoes se arrastavam preguiçosos pelos troncos das videiras.

D'estes contratempos se desferrava o zeloso horticultor no quintalinho da senhora D. Maria da Esperança, podando, regando, enxertando, e recolhendo-se á noite ao convento com os pés humidados, as mãos gretadas e o habito barrado de lama. Esta digressão que parece despropositada, trouxe-a eu aqui de caso pensado por ser o quintalinho em questão os amores de Frei José e a perdição de sua sobrinha, como verá o paciente leitor.

Se a philosophia do frade fosse mais perspicaz do que não era havia elle no dia seguinte á entrevista do seminarista e de sua sobrinha notar duas coisas, que infelizmente lhe escaparam: uma que o rapaz tão abstracto estava que não dizia coisa com coisa na aula: a outra que Marianninha deixára Minos, o velho gato maltez, affilar as unhas em um alporque que o frade dispozera e ageitára de vespera em um vaso, esperançado de colher em tempo proprio magnificos cravos raiados, porque sua reverencia tinha uma declarada paixão. Ralhou Frei José com a sobrinha por este descuido, e ella que até ali sempre o ouvira respeitosa, respondeu-lhe que tinha mais a fazer que vigiar o gato, e estar de sentinella a um enfesado craveiro. Ao ouvir esta resposta D. Maria da Esperança benzeu-se, e disse: «Menina a lingua foi peccadora, confesse ao menos que o coração não foi cúmplice com ella.» Marianninha fez um ligeiro arremeço ao conselho, e Frei José sahio pela porta fóra sem dar tempo a mais explicações, dizendo que não voltava a pôr pé em casa em que tão sem ser esperado entrára o demonio do orgulho.

Ainda elle não tinha descido o ultimo degrau da escada já D. Maria da Esperança pozera duas vellas accezas no seu oratorio e pedia a todos os santos da sua devoção que affastasse para longe a nuvemzinha que lhe assombrára a paz domestica.

Fiel á sua promessa, e apesar das muitas saudades das suas dalias e dos seus rainunculos, um mez contado esteve Frei José desabafando as suas maguas com Linneu e Cuvier sem voltar a casa da senhora D. Maria da Esperança. N'este intervallo não perdia o tempo Domingos Tiburcio cultivando mais rara e mais poetica flor. Alliado com uma velha pedinte a quem D. Maria da Esperança esmollava aos sabbados, correspondia-se todas as semanas o semi-

narista com Marianninha, e, ou tão boas eram as disposições d'ella ou tão sem replica os argumentos d'elle, que á quinta carta ficou justa e tratada uma fuga. Com effeito uma noite em que a chuva cahia a torrentes, e as corujas piavam agoirentas pelas torres dos numerosos conventos de Braga, escalava o filho do guarda joias o muro do quintal de D. Maria da Esperança, destrancava cautello-samente a porta da rua, e desaparecia nas trevas meia hora depois, levando comsigo associada ao seu incerto destino a sobrinha do seu protector!

Quando ao outro dia á hora usual do almoço a doceira deu pela falta de Marianninha, cuidou a principio que ella se deixára cair em extasi, e não se atrevia, abrindo a porta da alcôva, a interpôr-se entre Deus e uma das suas creaturas. Até ao meio dia andou n'esta fé a senhora D. Maria da Esperança esfregando as mãos de contente, e fazendo figas e esconjuros ao demonio. Deu a meia hora depois do meio dia, e foi então que ella se resolveu, persignando-se, a bater de leve com os nós dos dedos á porta fatidica. Ninguem lhe respondeu! Assustada abriu D. Maria da Esperança a janella, chamou pela vizinhança e accudio o povo trazendo á sua frente um donato que por acaso andava n'aquelle momento pela rua pedindo esmolla para a remissão dos captivos. Invade-se de repente a casa da doceira, dá-se busca a todos os cantos, e nada!

A primeira idéa do donato, calorosamente acceita pelo populo, foi a de brucharia. Ainda não eram passados quinze dias, dizia o credulo tonsurado, que haviam sido achados n'um casal proximo os ossos de uma menina esbrugados por uma brucha, mas accrescentava o donato, o povo fizera o que devia esquarterando a maldita.

— «É isso, ha de ser isso!

Gritou de entre a turba uma velha.

«Se a pobre menina cahio nas unhas d'alguma inimiga do Padre Santo não foi n'outras senão nas da Balbina, que até o nome tem arrevesado o demo da mulher!»

— «Pois diz vocemecê muito bem que não foi outra.» Accudio uma lavadeira que tomára activissima parte nas pesquisas, e já havia empalmado um resplendor a Santo Antonio, passando-o de mão a um magarefe com quem vivia em concubinação.

— «A ella! vamos a ella!

Retrucou a primeira velha, accesa no sagrado fogo da religião.

— «Ainda hontem no terço a vi eu com estes olhos benzer-se com a mão esquerda, e retirar-se a fallar comsigo, que é bem, como o outro que diz fallar com o inimigo das alminhas de Deus!

— «A ella! vamos a ella!»

Respondeu em côro a turba-multa. Se o juiz da vintena desempeirado sapateiro que não acreditava em malefícios não accode ao clamoroso rebato do mulhero, não quizesse o mais pintado valentão estar na pelle da senhora Balbina, que não dava coitada, outro motivo para esta indisposição popular do que ter a cara mais assombrada de cabello do que é natural no seu sexo.

No meio d'esta balburdia a senhora D. Maria da Esperança não tugia nem bolia, contentando-se em remontar o espirito ás regiões espirituaes.

Avisado por um recadinho do benemerito sapateiro, que se oppozera como um dique ao desarrasoamento da plebe, não tardou Frei José em vir arrastando a sua gota até ao sitio em que estas scenas se passavam. Apenas a doceira o avistou cahio-lhe nos braços lavada em lagrimas, pedindo-lhe que a levasse a benzer ao arcebispo, porque á vista do succedido desconfiava até que o peccado lhe entrasse como poeira pelas fendas das portas. Socegou-a o frade e sentou-se. Elle que o leitor até aqui conheceu manso como um borrego, ouvida a narração minuciosa do caso destampou, passado um momento de calculo, nas mais iracundas apostrophes contra a sobrinha, que elle não desejava ver na forca para não deshonrar a memoria de seu irmão, mas que achava justo metter na cadeia por toda a vida.

A falta do seminarista na cidade abriu de todo os olhos ao theologo ácerca do rumo que sua sobrinha levára. Apenas esta suspeita se transformou em realidade partio diligente Frei José para casa do juiz de fóra e expoz-lhe calorosamente o acontecido. Como a justiça era um pouco vêsga na época a que esta historia se refere, o integro magistrado que não tinha azas para voar atraz dos fugitivos, e que entendia em consciencia dever uma reparação ao moralissimo povo bracharense, mandou vir á sua presença escoltada por dois esbirros a innocente viuva do antigo guarda joias da mitra. Pelo seguinte facto se prova a inconstancia dos juizos populares. Quando Anna Maxima era trazida chorando como uma Magdalena á presença do juiz, uma mulherinha que lhe devia tres quartinhos, aproveitou o ensejo de se desferrar da divida dizendo em altas vozes ás vizinhas que por aquillo se via quanto era difficil enganar um letrado, que se o rapaz fizera o que fizera fóra por conselhos da mãe que ha mais de dois annos andava com o olho na herança que era de esperar Marianninha houvesse por morte de D. Maria da Esperança. Tal corpo tomou este aleive, que o juiz apesar de crente na innocencia de Anna Maxima entendeu dever dar ouvidos á calumnia, pregando com a mãe da seminarista na cadeia de Braga, aonde ainda annos depois se contava a

conformidade com que ella levára a prisão, não deslustrando por fraqueza de animo a memoria de seu defunto marido.

Sigamos agora os fugitivos. Dois burros (eram dois machos, mas eu não quero alterar a phraseologia bracharense) alugados embusteiramente a um alquilador, tinham tido a gloria de dar entrada aos dois profugos nos muros da cidade invicta, que ainda então se chamava simplesmente Porto, á espera que um decreto e uma figura de rethorica lhe dessem dois annos mais tarde o titulo de que hoje se ufana. Era em 1833, e o Porto estava sendo o baluarte da liberdade. Se eu tambem não chamasse ao Porto *baluarte da liberdade* tirava a este romance uma das qualidades de que nenhum romance prescinde — a côr local.

Que outra coisa teria a fazer Domingos Tiburcio, como homem avisado que era, do que dar-se ao entrar no Porto por um martyr das suas opiniões politicas? Pois foi exactamente o que elle fez, sentando praça n'um corpo de voluntarios, e dando mais «vivas» até ao fim do cêrco de que ouvira de missas até então na sua terra natal.

A vida do Porto, tão diversa n'aquella época da vida monastica de Braga, as alternativas da guerra, a esperanza de um futuro e os dezoito annos de Domingos Tiburcio, tudo contribuiu para fazer d'elle um liberalão de pôlpa, amortecendo-lhe no coração os romanescos amores que por um triz o não haviam feito poeta quando mezes antes invocava o nome de Marianninha nos seus solitarios monologos, e nas suas sentidissimas queixas ao astro saudoso dos amantes.

Hoje como tudo havia mudado de aspecto! Emquanto a illudida sobrinha de Frei José se lembrava saudosa de tudo o que da infancia lhe vinha innocente á memoria, desde as compotas da doceira até á basilica de S. Pedro pintada na tampa da caixa de rapé do tio frade, o ex-seminarista levava uma vida de libertinagem que fôra ruindade de indole se os poucos annos lhe não valessem de advogado e escusa.

A pobre Marianninha não podia crêr em tão rapido reviramento nas inclinações do seu seductor, e o coração partia-lhe diariamente para Braga desfeito em suspiros, principalmente desde que mão piedosa e desconhecida lhe escrevêra participando que o tio andava tão desorientado que até já lhe haviam tirado a missa receioso o arcebispo que elle a não dissesse perfeita. A vergonha porém impedia a triste rapariga de voltar á terra em que tão bemquista se vira, e d'aonde tão malfadada se ausentára. Todos lhe affiançavam o perdão do tio frade, é verdade, mas o mundo seria tão benevolo como elle? Parecia a Marianninha que até os santos do oratorio da

doceira se virariam contra ella se ousasse transpor o limiar da des-honrada casinha, e que o seu proprio canario que d'antes lhe vinha comer á mão, esvoaçaria de medo ao avistal-a por entre as grades da sua doirada prisão. Que remorsos não teve aquella pobre alma! Hia até endoidecendo no dia em que lhe chegou a nova da morte do tio que, dizia a carta, chamára por ella até ao ultimo instante. Domingos Tiburcio esse ignorava que tinha a mãe debaixo dos ferros d'El-Rei. Sabia-o Marianninha mas tinha a delicadeza de lh'o não dizer cuidando ella, desculpavel credulidade, que o ex-seminarista era homem para dar peso a bagatellas de tal ordem! Sem o unico arrimo que tinha cá n'este mundo, as saudades do passado a devorarem-lhe o coração e as incertezas do futuro a obscurecerem-lh'o de nuvens, a que fôra a mais fresca flor do jardim de Frei José, e os olhos d'alma de D. Maria da Esperança, definhava de dia para dia apertada entre os muros da cidade eterna, a todo o momento assustada pelo estampido do canhão, pelos ais dos feridos e pelo estertor dos agonisantes! Quantos annos da vida actual não déra ella por voltar á sua Braga pura como sahira da casa da doceira, correr ás dalias do tio frade, regar-lh'as como fazia aos doze annos, e sentar-se depois á sombra de uma acacia florida, espairecendo o animo com a suavissima leitura do seu Frei Luiz de Sousa que tão de memoria trouxera em pequena e de que tão deslemburada andava agora! Accudia-lhe ás vezes o arrostar com a vergonha, mettendo-se de noite a caminho só e triste, para ir confessar a sua culpa a quem lh'a soubesse entender e perdoar, escondendo depois para sempre no claustro o seu arrependimento.

Viver assim era impossivel. Um dia que Domingos Tiburcio estava na casa da ordem do quartel de Santo Ovidio contando em estylo de Miguel de Cervantes anedotas mais ou menos salgadas da vida devota da cidade de Braga, applaudido pelas gargalhadas dos camaradas, chegou-lhe um recado chamando-o a toda a pressa para ir ter com pessoa que urgentemente desejava fallar-lhe.

O mysterioso d'esta missiva mereceu como era de esperar os mais facetos commentarios ao auditorio de Domingos Tiburcio. Elle porém, desenroseando-se do mocho em que havia tomado a commoda e solida posição de um minucioso e caustico narrador, ergueu-se, e ao ouvir a nova que lhe traziam fez-se pallido como uma estatua, e, com a voz meia embargada na garganta, balbuciou:— «Ahi vou, ahi vou já!»

« Anda, vai, olha que te foga a rapariga. »

Additou, deitando-se a adivinhar, um sargento que arrematára os papeis de gracioso.

«Se tu não queres tudo para a mitra, como teu pai, reparte com a gente um bocado das tuas boas fortunas, ouviste?»

Esta ultima brutalidade já Domingos Tiburcio a não ouvira, tão rapido galgára a porta do quartel e se achára na rua, livre dos importunos e deslocados gracejos de tarimba com que o sargento tentava vingar-se do burlesco papel que momentos antes o ex-seminarista o fizera representar, contando que o havia conhecido leigo pedinte correndo as viellas de Braga de sacola ao hombro, e alpargatas nos pés.

Havia quinze dias que Marianninha fechada na humida alcova da sua agua-furtada sentia fugir-lhe a vida, e com ella a esperança da sua reabilitação na terra. Pavorosas eram as visões d'aquella triste desamparada! Umaz vezes era a sombra do tio frade que lhe apparecia de noite, outras a luz tremula da sua lamparina que lhe desenhava na parede phantasticas e diabolicas figuras, enchendo-lhe a alma de trevas e de sustos. A final conheceu Marianninha que era chegado o termo dos seus soffrimentos, e accudio-lhe Deus com forças para encarar resignada a morte, que tanto a apavorava na infancia quando sentia dobrar por finados os sinos rouquenhos da sé de Braga! Foi n'esta occasião, e já depois da igreja a haver alentado com os sacramentos, que Marianninha mandou chamar o homem que da sua passada innocencia a arrancára para os baldões e tempestades do mundo! A vida de soldado não embotára ainda no coração de Domingos Tiburcio todos os bons affectos de que lh'o haviam povoado os santos conselhos de Frei José. Quando chegou junto do pobre e revoltado leito de Marianninha já a infeliz não tinha forças para erguer a cabeça, mas com os olhos que fallavam ainda, como no dia em que o seminarista a vira pela primeira vez costurando á janella, fitou-o com uma indizível e concentradissima magua.

— «Cuidei que não vinhas.» Murmurou a pobre a enferma.

Domingos Tiburcio, apertou-lhe a mão, desatou a chorar como uma creança, e não lhe respondeu palavra.

— «Mandei-te chamar para te perdoar, primeiro. Depois para te revelar um segredo que me está pesando na consciencia, e pedir-te que cumpras as minhas ultimas vontades.»

— «Farei tudo o que me ordenares.»

— «Pois então enchuga as lagrimas que já nada remedeiam, e ouve-me. Tua mãe está presa na cadeia de Braga, e disseram-me de lá que tinha soffrido muito, coitada! Como não soubeste ser amante, não te esqueças ao menos de ser filho... vê se podes salvar quem não tem culpa dos teus... dos nossos erros passados!»

Domingos Tiburcio não respondeu e deixou-se cair de joelhos

junto ao leito de Marianninha, que, fazendo um esforço sobrenatural, continuou.

—«Alliviei d'aqui a consciencia; agora peço-te que ampares até ao fim da vida a pobre senhora com quem me creei, e que lhe entregues da minha parte esta lembrança... d'uma grande peccadora.»

Domingos Tiburcio recebeu da mão de Marianninha uma pequena cruz de oiro, que Frei José lhe déra no dia da primeira communhão, e, receiando que o tempo lhe fugisse, perguntou-lhe:

—E que mais?...

—É pouco mais o que tenho a pedir-te... mas... não te rias d'esta fraqueza Domingos, peço-te que não deixes passar a mãos estranhas o meu pobre canario se... Adeus...

Marianninha fez um ligeiro e convulsivo movimento e expirou!

De soldado, e de soldado palreiro e endurecido de coração, volveu Domingos Tiburcio a sentir-se homem, vendo remontar o vôo, feita anjo pela expiação, aquella a quem elle manchára no mundo as azas candidas da innocencia, e conduzira sem arrependimento ao abysmo.

No primeiro recontro militar que houve depois da morte de Marianninha, Domingos Tiburcio que até ali passava entre os seus camaradas por uma cópia mediocre dos heroes da antiguidade, parecia pelo ardor com que affrontava os perigos animado dos mais bellicosos brios, e talhado para as mais esplendidas acções. Em conjecturas se perdiam no quartel ácerca d'este subito reviramento no character do ex-seminarista, mas ninguem se atrevia a chasqueal-o, tão crentes eram todos em que a réplica seria menos macia do que quando mezes atraz lhe faziam entoar o cantochão, e, empoleirado na tarimba, o obrigavam a mostrar prégando, que não lhe esquecêra de todo o latim que aprendêra no seminario de Braga.

A guerra civil chegava ao seu termo, e o espirito aventureiro de Domingos Tiburcio folgava com a idéa de se soltar das pês da vida militar que elle momentaneamente acceitára como seu pai, mas em que via poucos rasgados horisontes em que a sua febril inquietação pudesse expandir-se, sepultando para sempre no olvido, como desejava, a importuna memoria dos seus passados amores. O triumpho da causa liberal levou Domingos Tiburcio a Braga em 1834, aonde encontrou Anna Maxima já em liberdade, e protestando com laçarotes azues e brancos a sua adhesão á causa constitucional. De fortuna é que ficára arrasada com a prisão a viuva do guarda joias, tendo gasto tudo o que herdára no empenho de não ser removida para a cadeia de Lisboa com que a ameaçavam as justizas de Braga para lhe extorquirem as peças que ella gosava

fama de ter aferrolhadas. O primeiro cuidado de Domingos Tiburcio foi cumprir as recommendações que Marianninha lhe fizera á hora da morte indo procurar a doceira que encontrou aterrada com o que a pobre velha chamava, «o fim do mundo» isto é a queda do systema em que se creára, e o desapparecimento de todos os reverendos com quem ella mais ou menos tivera amigaveis relações por intermedio de Fr. José. Ao ouvir porém contar os lastimosos trances por que Marianninha passára toda ella era lagrimas a excellente creatura, custando-lhe a crer que fosse verdade o que Domingos Tiburcio lhe contava. Quando este chegou á ultima parte da sua commissão fallando-lhe no canario que Marianninha confiara aos seus cuidados, a unica resposta da doceira foi apontar para uma pequena redoma de vidro que havia mais de seis mezes servia de tumulo á avesinha! Tudo quanto D. Maria da Esperança amára cá n'este mundo ia desaparecendo á roda d'ella. O filho do guarda joias sahio d'esta entrevista que resumia todo o seu passado, mais philosopho de que nunca o bom de Frei José o fôra em sua vida, apesar dos creditos que d'isso gosava no convento.

Não obstante uma ou outra tentativa reaccionaria o regimen constitucional consolidava-se em todo o paiz, e quando era de esperar que Domingos Tiburcio pretendesse tirar as legitimas consequencias dos seus serviços (já em 1834 se fallava em legitimas consequencias!) eil-o que desaparece um bello dia de Braga sem que ninguem soubesse como nem para onde. Interrogada pelos visinhos ácerca do destino de seu filho, Anna Maxima que não estava mais adiantada a este respeito do que elles, respondia encolhendo os hombros, que fôra para onde a sua estrella o guiára, e como sagacidade materna interpretava o vulgo a sua ignorancia.

Eram passados seis annos quando, uma tarde em que a viuva do guarda joias tomava o fresco sentada á porta da modesta casinha em que habitava fazendo considerações mentaes sobre os vaivens da fortuna, vio apear-se um cavalleiro que parecia chegado de uma jornada recente, e andar pela rua como que indagando uma morada qualquer. Sobresaltara-se o coração de Anna Maxima com a apparição do desconhecido, e mais ainda quando este cortezmente se lhe dirigio perguntando se era ella que tinha um filho estabelecido em Nova York, que se chamava Domingos Tiburcio Braga. Que tinha um filho com este nome sabia Anna Maxima, mas o que ella ignorava era aonde, e muito menos em Nova York, terra em que nunca ouvira fallar até então.

—«Saiba vossa senhoria, (respondeu ella suando como se visse outra vez abertas as portas da cadeia) que tive um filho com esse

nome, por signal que a elle devo os cabellos brancos que vê, mas não me consta que esteja estabelecido n'essa terra que o senhor diz, que nem mesmo sei se é de christãos se de gentios. Isto de quem tem filhos tem cadilhos. Se eu fôra só outro gallo me cantára, que não teria andado toda a minha vida arrastada...

—«Socegue, senhora, que o caso não é para tristezas, replicou o desconhecido sorrindo da febril verbosidade de Anna Maxima. É, ou não é a mãe do sr. Domingos Tiburcio Braga?

—«Sou, por meus peccados: mas juro-lhe por tudo quanto ha de sagrado...

—«Oiga-me, e verá que tem sido injusta com seu filho. Trago aqui ordem do meu amigo Domingos Tiburcio para lhe entregar estes duzentos mil réis, cobrando já se entende o competente recibo. E dizendo e fazendo, saecou de uma carteira de marroquim encarnado a somma em que fallára. Além d'isto receberá a senhora de hoje em diante a mesada de quatro moedas, que lhe será paga por um negociante d'esta cidade.

—«Duzentos mil réis!... Quatro moedas mensaes!... O meu Domingos ricco!... Entre, entre vossa senhoria. Eu vou já matar uma gallinha, e tenho ali um naco de presunto com que lhe hei de fazer uma canja digna dos anjos, Deus me perdoe se disse heresia!... Ora o Domingos!... o Domingos! Engenho sempre lhe achou o meu defunto homem que Deus haja! Ora o rapaz! Para alguma coisa lhe havia servir o latim que aprendeu no seminario, e mais a logica que dizem que abre as idéas, e mais todas as sciencias rethoricas que lhe metteram na cabeça!... Ora o rapaz!... Mas diga-me, como é que foi que o querido filho da minha alma se pôz assim rico?

—«Isso são largos contos, replicou o emissario de Domingos Tiburcio. Elle nos seus principios...

—«Querem ver que o rapaz fez negocio com a negraria? Tambem como o outro que diz um preto não é homem... bonda-lhe a côr que é a do peccado!... E depois se havia ser outro a vendel-os foi o meu rapaz, elle lá sabe como isso corre... Bom coração sempre elle teve, e para isso bastava ser filho de seu pai... póde o senhor perguntar quem elle foi e todos lhe hão dizer maravilhas do guarda joias da mitra... E está de saude, o meu Domingos?

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

D. JAYME

POEMA DO SR. THOMAZ RIBEIRO

ESTUDO CRITICO

I



Entre as serras é mais livre o ar. Os animos respiram com mais força por entre alcantás. A imaginação acende-se com a impressão dos cambiantes de côr pelas quebradas das montanhas. O pensamento acompanha as aguias, ou prende-se, meditabundo, ao resvalar das aguas pelas rochas nuas. A concepção vive da grandeza de animo, da expansão da phantasia.

Encerrai poetas em estufas urbanas; verão o sol atravez de gelosias; quebrados virão seus raios por entre muros de palacios, e a imagem do seu esplendor chegará á pintura apagada em côres. Só o mar pôde competir com as montanhas; só o quadro de sua immensidade pôde fortalecer a phantasia, até eleva-la como as serras á altura épica das grandes epepeias. Ás impressões da natureza adduzi as do ambiente moral; este pôde augmentar ou diminuir aquellas. Em uma época de grandezas moraes o oceano inspira Camões, em uma época de as-

pirações indecisas, que vão procurar firmeza nas recordações do passado, as montanhas inspiram o cantor de *D. Jayme*.

Portugal não morreu. Á sombra das collinas do Tejo ainda navegam corvetas com a bandeira de D. João II. Sobre as ruínas da velha cidade arabe, ergueram-se ruas de altas casas, em que veio morar uma geração com alentos de mocidade.

Ouvís o silvido que annuncia a partida da locomotiva? Ella corre a atravessar a fronteira, e ligar-nos como porto da Europa, ao centro da sua civilisação.

Ouvís o troar da artilheria por castellos e fortes, nas baterias das corvetas, nas esplanadas dos campos?

Corôa-se a fama de Camões; a patria paga a divida de pedra a quem lhe deu um monumento ideal.

Um rei joven, habituado a luctar com as iras do mar, vem pousar a mão vigorosa sobre o leme do estado, para luctar contra o alquebramento nacional. Á roda, ameaçam-o rivalidades estrangeiras, pretenções de dominadores acostumados ao mundo: o animo juvenil do rei acende-se com o desafio, e a mão vigorosa quebra de encontro ao entusiasmo nacional os planos habilmente traçados pela reacção.

É alvorecer, ou crepusculo da tarde?

Assistimos á claridade subita do bruxulear da alva, ou ao relampago funéreo do ultimo dia de um grande povo?

Povos não morrem, quando vivem intellectualmente; quando rivalisam em producções litterarias com as nações mais adiantadas; quando as artes erguem aos ares em padrões de bronze os vultos grandiosos de sua gloria.

Povos não morrem, quando a idéa da nacionalidade produz poemas, que lançam o desafio a estranhos dominadores, em estancias, que fundem pensamentos em moldes de bronze, assaz fortes para resistir á analyse com o cunho grandioso da perfeição.

O poema do Sr. *Thomaz Bibeiro* é a imagem da época que passa estampada pelo sol do pensamento.

Pensaram-o morto, o Portugal das velhas eras; deram-lhe um canto no mappa das grandes nacionalidades; escreveram-lhe o epitaphio na glorificação do poema, que apontavam como unica recordação de sua vitalidade!

Enganaram-se! Do alto das serras do norte, desceu um enviado do povo, um mancebo quasi desconhecido, com a aureola dos libertadores na fronte inspirada, e sua mão traçou, sobre cem paginas de estrophes patrioticas, esta negativa:

— Mentís, estrangeiro! Portugal vive, e quer viver!

II

Precede o poema do Sr. *Thomaz Ribeiro* uma introdução do Sr. *Castilho (Antonio)*. Ha n'ella o colorido esplendido d'aquella penna, que não se cança em aprimorar a lingua, demais talvez para esta época de tentativas mercantis, em que o mar da poesia anda cortado de vapores enfumaçados. Ultimo dos poetas notaveis de um periodo anterior, o regio-hospedeiro de Buenos-Ayres, nunca privado pela cecidade de ver as imagens de luz, que o pensamento cria, quiz levar pela mão á tribuna popular da imprensa o novo poeta. Com aquellas mãos seguras nos traços, que só por intuição adivinham, cercou-o de moldura de ouro, que poderia perder cabeças fracas, talvez mesmo offuscar pelo brilho as côres modestas do painel, se não fosse o apresentado um ingenho de merito verdadeiro. É d'essa apresentação, que mais parece um hymno, e hymno de parabens á patria, que nós tiraremos noções ácerca do autor de *D. Jayme*. A prosa opulenta do inventor de tantos quadros épicos, de tantas traducções rivaes dos classicos, ha de perder as côres romanceada em nosso dialecto chão, vestido á mercadora: que o tolerem amigos, e o não leiam indifferentes, é quanto pedimos.

É o Sr. *Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira*, natural da aldeia de Parada do Gonta, ás margens do Pavia; ladearam-lhe o berço de todas as partes serras e bosques, e foi talvez por manhã de estio, ao canto dos rouxinoes, que nasceu no dia 1.º de julho de 1831. A serra da Estrella ergue-se a cinco legoas da sua casa paterna, a qual está assentada em campos, cujo matiz de boninas e ribeiros serpejantes, de castanheiros frondosos e aves de cores vivas, o autor desenhou mais tarde nas descripções gentís do seu poema. Por entre esses folgares campesinos, que vestem o trabalho de tunica festiva e o coroam de rosas, lhe foram passando os annos da meninice, época em que a imaginação se educa, e ajunta para a idade dos estudos abstractos o cabedal de imagens da natureza.

Perto ficava-lhe Vizeu; terra em que vivem ainda as recordações do poderio romano e da primitiva independencia dos aborigenes, que tem por herões vultos historicos, decorados de novo pelas cidades do littoral na renascença, indo-os salvar da destruição nos pergaminhos classicos dos archivros monasticos. Os seculos da invasão goda, da civilização arabe, da emancipação nacional, passaram por ali, deixando de pé aquelles animos temperados á primitiva, alimentados pela crença do seu direito á posse do solo, e pelo amor á sua terra.

Terra é aquella de natureza louçã, que está a abrir-lhes os braços pelos bosques aljofarados de geadã, pelas veigas matizadas de violetas, ou pelas corôas negras dos pinheiraes, que cantam a tempestade, e as brizas da tarde nos altos das serranias. O sol não vem ali mergulhar-se em lençol de aguas, longo como o pensamento, nem erguer-se pelas fendas de piramides graniticas; não ha para moldura do seu disco de fogo um theatro monumental; recortam-se as montanhas em suaves collinas superpostas, taboleiros de vegetação se destacam dos outeiros, para distrahir a vista. O astro surge por entre folhas de bosques, esperguiçando os raios nas limpidas fontes dos valles, ou some-se lentamente á tarde nas abertas da serra, sob ramadas suspensas nos ares, ou por entre os galhos das arvores, que se destacam, desenhos movediços, de um céu côr de perola, listado de fogo. É um astro caseiro, familiar ás donzellas da aldeia, conhecidos de trovadores e amantes, que tem portas marcadas para entrada, e se esconde em cova alpestre, que qualquer menino designa com o dedo ao viandante.

Foi em Vizeu que o Sr. *Thomaz Ribeiro* ouviu as primeiras lições dos mestres. Apenas pôde ter ás mãos as chaves dos monumentos escriptos, entrou pelas avenidas dos classicos, e ligou conversação intima com Virgilio. Devia a sua alma campestre deleitar-se com as descrições mimosas do Mantuano. O solo da Italia tem parecenças com o do nosso extremo occidente; igual phantasia lhe tem aproveitado as sinuosidades, iguaes vestes da arte bordavam de ruinas guerreiras, e plantios variados os effeitos de luz e sombra, que as suas depressões de terreno offerecem. N'aquella tristeza do cantar da virgem, que assistia á conquista do mundo, e á dissolução dos vinculos moraes da sociedade, devia o joven poeta achar harmonia com o aspecto da patria, passando por uma revolução de effeito inverso, em que as pretenções ao dominio iam sumindo-se na lenda rasgada e empoada do passado, e só crescia em forças, em esperanças de vitalidade nacional, a sua litteratura e intellectualidade, em que estão guardados os germens de um futuro, que pôde ser grande, se a precipitação de ambiciosos não o arriscar.

Estas épocas de estremeimento moral, em que as nações vem caminhar para si novos destinos, como gigantes aereos, que se levantam do horisonte, e se approximam, sem exprimirem as suas intenções, ferem os grandes espiritos de ultima tristeza: tudo o que amam, tudo o que lhes cercou o berço está ameaçado! Aquelle viver campestre dos pastores italicos, aquellas livres discussões da tribuna latina, aquelles deuses heroicos do paganismo, não os ameaçam, a Virgilio, as novas crenças asiaticas, o regimen militar, a

corrupção dos costumes, a entrada nas tribus dos barbaros naturalizados? Qual é o animo de velha tempera portugueza, como o do Sr. *Thomaz Ribeiro*, que não presentirá no escoamento de todas as nossas pretensões á conquista, na entrada dos costumes cosmopolitas por nossas aldeias, até ha pouco segregadas em seu pittoresco viver, na mesma approximação das communicações rapidas, quasi a envolver-nos na vida collectiva da Europa, que o nosso dia de existencia cavalleirosa e poetica está a extinguir-se, que em breve não devem haver mais descantes pelas romarias, nem desafios pelos outeiros, e que novos destinos de nós se approximam?

A entrada do Sr. *Thomaz Ribeiro* para os estudos da universidade de Coimbra, devia pol-o em contacto com as idéas novas. De facto, o joven poeta parece ter grande lieção da litteratura contemporanea. Ha muito de Lamartine nas melancolicas canções de amor da sua narrativa, ha muito dos contrastes rapidos e vagos de V. Hugo nos quadros que esboça, e Byron lá vem glorificar com seus sorrisos de escarneo os vicios do pervertido, ou a audacia do facinora. Mas a estas influencias estranhas, proprias a enfraquecer, desnaturar, e talvez esterilisar as imaginações de pouco cabedal, o autor de *D. Jayme* antepôz sempre a sua originalidade, rica de recordações patrias, creada desde a meninice entre as verdes copas dos seus olivae, e que se de todo não ficou isenta de feição estrangeira, teve força bastante para reagir a ponto de ser um dos poetas mais nacionaes e espontaneos da época. É d'estas diversas disposições da alma, d'estas diversas preparações do espirito que sahio no remanso de sua vida provinciana o poema de *D. Jayme*.

Depois de conhecermos, ainda que mal, n'estes traços vagos, a physionomia moral do autor, estudemos a sua obra.

III

O poema do Sr. *Thomaz Ribeiro* tende a produzir uma revolução no gosto poetico. Applaudam-o, glorifiquem-o partidarios dos principios classicos: entre as folhas avelludadas de sua rica metrificação estão escondidos os espinhos que os devem ferir. Ignoramos se a doença será mortal, se a naturalidade prevalecerá sobre a poesia artistica, se imagens tiradas da natureza vencerão as transmitidas pelos livros. Ha tão pouca sinceridade na litteratura contemporanea, anda o cunho da affectação tão impresso em todos os seus systemas, affectos e idéas, que não me espantarei, se o gosto de convenção, proprio ás sociedades em decadencia, prevalecer sobre a originalidade natural, riqueza das nações jovens.

A mesma forma do poema é inqualificavel segundo os preceitos conhecidos. Narrativa de amores, odios patrioticos, e emprezas de desforço pessoal, ora se amenisa em quadros de costumes campestres, ora se afunda — por scenas tragicas — nas côres afogueadas do morticinio e do incendio, ora desce até as escaldadas phantasias de um painel de prostibulo, ou se eleva até a epopeia do sacrificio de um homem pela patria. Toda esta serie de pinturas está mal ligada, e não compõem um enredo, nem tem o nexu requerido para as obras perfectas. Ao clarão subito de archotes nocturnos, precedidos de hymnos de amor, de vingança, de odio patriotico, ou de saudade pungente, o poeta nos arrebatá a passos precipitados, e leva-nos á borda do seu mundo ideal, por onde passam scenas, ora terriveis, como uma exposição de cadaveres ensanguentados, ora risonhas, como a alvorada de um dia de perfumados euros, ora tristes, como o sahimento de um amigo grande e sublime que todos prezavamos. As figuras que correm por ante nós, ou repousam por momentos, para logo separar-se, desaparecer, ou grupar-se por instantes, tem caracteres traçados com rapidez, que com tudo ficam bem gravados na imaginação.

D. Martinho, grave, de coração forte e compassivo, é o typo do fidalgo aldeão, que o amor dos conterraneos fez rei das cercanías. Anninhas, é aquella filha dos campos, com o cultivo litterario da côrte, que todos nós conhecemos, singela, amante sem calculo, melancholica e resignada na desgraça, impeccavel e firme no amor. O typo da hespanhola ardente na paixão, esquecendo patria, familia e posição para unir-se ao amante, e jogar mesmo a vida em troca de seus desejos, está fielmente desenhado em Estella. D. Jayme, não é criação natural, sente-se n'aquelle vulto sem physionomia propria, que é nobre e mau, generoso ou vingativo, crente entusiasta ou frequentador de prostibulos, uma reprodução das phantasias da litteratura romantica: o vago assenta mal no heroe de um poema, querem-se traços desenhados com mais clareza, mais nexu nas acções, mais consequencia na organização moral.

Esta liberdade do plano geral corresponde perfectamente ás liberdades do estylo e da metrificação. Conforme as disposições das scenas assim o metro se estende até o alexandrino, ou se encurta até o anacreontico, ora vai descendo gradualmente, ora passa sem transicção dos grandes metros aos mais ligeiros. Joven, o poeta parece sorrir-se da gravidade dos doutores em regras poeticas, e jogar uma partida de azar em cima da arte de metrificação. A cançada senda do mysticismo é quasi sempre abandonada pelo autor; as suas imagens são tiradas dos valles, das aguas, das arvores, dos costumes, dos affectos, das crenças da terra em que vive. Despre-

sa as ligações harmonicas do colorido. Se lhe apraz é classico como Homero, e alonga-se em comparações grandiosas, que cançariam o folego artificial dos nossos poetas da lua; de contrario vai recostar-se á sombra de uma torre desmoronada, e d'aquellas ruinas tira as imagens saudosas do passado, de que vivem os românticos, á mingua de intelligencia directa da natureza. Mas quasi sempre deixa de pertencer ás escólas arregimentadas, para tomar as tintas na propria palheta da natureza, receber ás folhas o cicciar, ao sol os seus effeitos de luz, á vegetação os seus caprichos em maranhado de fórma. Os consoantes criam-se com precedencia pela natural successão das idéas, e a propria singelesa do trabalho destroe as criticas dos que lhe quizerem negar a sancção em virtude das regras. Será um poeta realista na accepção da moderna escóla dramatica e narradora? Se o é, deve-o a si, á sua terra, ao povo, cujos habitos estudou, ao lar paterno, em que adquirio aquella maneira de sentir tão nacional.

Quando o poeta deixa de ser original, descahe na exaggeração, como na criação de *D. Jayme* e da scena do incendio. O mesmo estylo resente-se algumas vezes de influencia do gôsto litterario, que dominou em Portugal nos primeiros annos da restauração. Doença herdada de Victor Hugo, que amontôa epithetos, leva a invectiva até o ponto de offender a razão, mas que salva estes defeitos com a grandesa e numero das idéas. O sr. Thomaz Ribeiro, foi talvez admirador na primeira mocidade de Han de Islandia, dos Dois Renegados, do Manfredo, e de outras creações de mau gosto, que só tem valor, como peças de calibre grosso assestadas contra as baterias de muros caiados, e de peças esculpidas e pintadas, da grave e methodica escóla classica. Salvou-o da perdição a grandeza do seu talento, e a intima existencia da sua vida de provincia, que em vez de o levar á procura de côres nas regras dos estheticos, lhe fez aproveitar as lindezas do nosso solo e da nossa sociedade de feições tão peculiares.

Em todo o caso o poema de *D. Jayme* é a estreia de um grande talento, mas não o limite da sua faculdade creadora. Concentre mais as suas idéas, escolha um assumpto historico, de tantos que ha em nossa vida peninsular, ou em nossas aventuras por alem-mar, cante a lucta da nossa civilisação pronunciadamente christã contra as civilisações decahidas da Asia, a defesa da nossa autonomia contra as invasões estranhas, ou o pensamento grandioso e a execução ainda mais gigante dos planos de D. Henrique, e em qualquer alta concepção historica, que pozer em cantos regulares, sem imitações de estrangeiros, conservando aquella pureza da sua linguagem, e pintando pelo miudo os costumes nacionaes, o sr.

Thomaz Ribeiro se elevará ao par dos primeiros poetas do seculo. Não condemnamos o assumpto que escolheu; é proprio para alimentar os brios nacionaes, mas falta o cunho real na creação de algumas personagens e do enredo. Quando o poeta pinta a verdade da vida, como se encontra na candidez dos campos, ou no lodo da devassidão urbana, escreve cantos tão perfeitos como os das *Flores da Aldeia* e do *Ebrio*.

A sua magnifica poesia solta a Portugal é digna da idéa que concebemos da sua faculdade creadora. Só Mendes Leal, o rei da nossa poesia lyrica, era capaz, em nosso tempo, de igualal-o, tanto em imagens delicadas e grandiosas, como na excellencia da metrificacão.

Findando aqui a nossa rapida analyse, saudamos de novo o apparecimento de um poeta, que prova a vitalidade da nação. Mas não o queiram elevar applausos exaggerados acima do vulto de pedra do cantos dos *Luziadas*. Não ha analyse, por mais brilhante que o ingenho a ideie, que possa riscar este do numero dos poetas vivos na memoria popular. O monumento, que o ergueu ao céo, não é a lapide funeraria de sua gloria. Aos émulos improvisados falta o grandioso das suas idéas, e ainda mais o grandioso da sua missão, que já não é para as minguadas proporções da nossa época.

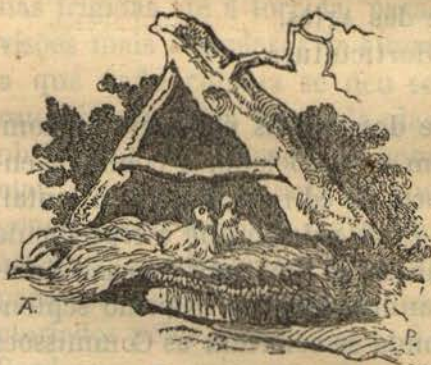
S. Domingos, em Nicthteroy, 24 de Agosto de 1862.

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL.

Extrahido do Times

(Conclusão.)



estes discursos respondeu o duque de Cambridge nos termos seguintes:

«Cumprindo a missão de que S. M. houve por bem encarregar-me n'este momento, sinto o maior prazer perante os representantes das diferentes nações que tomaram parte na exposição, em receber de V. S.^a, uma conta do trabalho dos ju-

rys. Todos os paizes contrahiram um motivo de gratidão para o grande numero de jurados que, com sacrificio notavel de tempo, e de conveniencias pessoas, pozeram gratuitamente peito a obra de tão arduo desempenho. Os esforços praticados por pessoas tão distinctas de diferentes nações no exame, e recompensa dos expositores vindos de tantos logares do mundo civilizado nunca poderão ser sobejamente recompensados. Confio plenamente que as decisões dos jurados encontrarão uma approvação unanime, e creio que os conhecimentos por elles ad-

quiridos no desempenho dos deveres que satisfizeram, lhes servirão para imprimirem novo impulso ao progresso industrial dos paizes, que escolheram sujeitos tão eminentes para representantes do seu adiantamento scientifico, e industrial.»

Concluida esta cerimonia, cada jurado desfilou pela frente do docel, fazendo reverencia ás pessoas reaes, e aos personagens distinctos que ali se achavam reunidos, e baixando ao lado oriental, se formaram em linha, esperando que os que tinham de tomar parte principal na cerimonia, se collocassem á sua frente.

O prestito tomou então a ordem seguinte:

- 1.º — Charamelas da côrte.
- 2.º — Representantes especiaes das differentes nações.
- 3.º — Commissarios de S. M. na exposição de 1862.
- 4.º — Ministerio.
- 5.º — Commissarios de S. M. na exposição de 1851.
- 6.º — O muito honrado Lord Maior de Londres, e sua comitiva.
- 7.º — Jurados — Commissarios especiaes — Deputados Commissarios dos jurys, e Secretario.
- 8.º — Vogaes da Commissão constructora, Architecto e Contractadores.
- 9.º — Empregados da administração do edificio, e assistente do Secretario.
- 10.º — Conselho da Sociedade das Artes.
- 11.º — Dito da Sociedade de Horticultura.

Rodeando o extremo nordeste dos jardins por meio de compacta multidão, alinhada de um e outro lado, a comitiva entrou no palacio pelo extremo norte do edificio, annexo oriental, e os sons das musicas avisavam os do palacio que o espectaculo porque anciavam desde tantas horas, se lhes approximava finalmente. A primeira decisão foi annunciada no extremo septentrional do annexo do oriente, onde se achavam as Commissões da classe numero 3 (substancias empregadas na alimentação); numero 4 (substancias animaes e vegetaes usadas nas manufacturas); e numero 9 (instrumentos agricolas). Houve uma pequena pausa, durante a qual o duque de Cambridge entregou em mão do Sr. Wollston, o maior de Liverpool, e do Conde de Clancarty, presidente d'estas Commissões, as decisões relativas ás sobreditas classes.

No extremo sul do annexo foram entregues as decisões concernentes aos productos mineraes e chimicos, ao maior de Swansea, e ao sr. Stenhouse (F. R. S.) passando depois o pres-

tito ao corpo do edificio principal e seguindo ao longo do lado oriental do transepto do nordeste se encaminhou ao docel do nascente onde, junto ao trophéo aureo de Victoria, se achavam os representantes das colonias britannicas. Foi aqui a demora mais prolongada emquanto o duque de Cambridge distribuiu as decisões a cada classe. Para muitos foi esta a parte mais importante da cerimonia. A exhibição magnifica das nossas colonias, causou profunda impressão no animo de quantos visitaram a exposição a serio, e com o proposito de estudar. Para os estrangeiros principalmente, estas salas nas quaes quasi apenas se limitavam a examinar coisas que lhes movessem maior admiração, caminhando desattentos a respeito do resto, e vendo só quasi de relance a variedade de riquezas naturaes, fizeram no entretanto em seu animo maior impressão da grandeza da Inglaterra, que as multiplicadas maravilhas de engenho, e de energia industrial distribuidas pelas outras partes do edificio consagradas á propria Grã-Bretanha. A extensão do imperio britannico achou-se mais completamente typificada n'aquelle pequeno grupo congregado em torno do trophéo de oiro, do que por alguma das abundantes metaphoras uzadas até hoje entre os poetas, e os oradores. Encontravam-se n'este local não só os representantes das differentes partes do globo, mas de cada clima, ou diremos antes de cada gráu de latitude, desde as zonas frigiditas até á torrida, para nos não embrenharmos nas divisões mais complexas da ethnologia. Considerando o trabalho a que cada colonia se deu sem excepção, para ministrar ao mundo uma idéa adequada das suas producções, e meios, os obstaculos aos transportes com que algumas tiveram de lutar, e o bom resultado de que viram coroadas as suas diligencias, não foi para maravilhar que no momento em que os seus representantes se apresentavam ao duque de Cambridge para receberem as decisões dos jurys, fossem calorosamente victoriados pelos espectadores. O doutor Forbes Watson, e o sr. Bowleas, a cuja energia, e cuidado se deve o maravilhoso epitome dos recursos vastissimos do nosso imperio indico, que atrahiu admiração tão solemne, foi o primeiro que se apresentou a receber as recompensas para a India. Seguiram-se os representantes das colonias americanas do norte, a saber: pelo Canadá o sr. Guilherme Logan; pela ilha de Vancouver, o sr. A. T. Langley; pela Colombia ingleza, o capitão Mayne; pela nova Brunswick; o sr. Daniel; pela nova Escocia; o sr. Uniacke; pela ilha do Principe Eduardo o sr. Haszard; pela Terra Nova o sr. Gisberne, e pelo Bermuda o sr. Tucker. As decisões pertencentes

ás colonias nas indias occidentaes foram recebidas pelo sr. Harris, por parte das Bahamas; pelo sr. Cave, pelas Barbadas; pelo sr. Holmes pela Cayenna ingleza, pelo sr. Simmonds pela Dominica; s. ex.^a Darling pela Jamaica; o sr. Staclapoule por S. Vicente; o sr. Rennie pela Trindade. Seguiram-se as colonias africanas representando a do Natal o sr. Sargeaunt, e S. Helena o sr. Salomon. N'esta divisão a Liberia foi representada pelo sr. Gerardo Beoxton. A outra divisão abrangia as colonias da Australia, que enchiam espaço tão notavel na exposição. O sr. Hamilton recebeu as recompensas pela nova Galles do sul; o sr. March por Queensland; o sr. Barry por Victoria; o sr. Macdonell pela Australia do sul; o sr. Andrews pela Australia occidental; o sr. Fox Young pela Tarmania, e o sr. Morrison pela nova Zelandia. Ceylão foi representada pelo sr. Tower; as Mauricias pelo sr. Morris; Hongkong pelo sr. Campbell; Malta pelo sr. Inglott; e as ilhas Jonias pelo sr. Drummund Wolf. N'esta classe foram distribuidos tambem premios a uma miscellanea de estações estrangeiras representadas pelo sr. Hopkins; do Japão representado pelo sr. Rutherford Alcock, Sião e as ilhas de Feeje. Passando ao lado do sul da Fonte de Minton, parou a comitiva junto da estação n.º 4 onde se achavam reunidas as classes 6, 10, 11, 12, 25, 26, 31 e 32. Aos presidentes d'estas classes distribuiu o duque de Cambridge os premios na ordem seguinte:

Carruagens — Mestre da companhia fabricadora das carruagens.

Engenheiros civis e construcções etc. — O sr. J. Paxton.

Engenheiros militares — Coronel Shaffe Adair.

Architectura naval — Capitão sir F. Nicolson.

Pelles etc. — Presidente da companhia da bahia de Hudson.

Ditas curtidas — J. B. Bevington.

Obras de metal — Maior de Birmingham.

Obras de aço, e cutelaria — Maior de Sheffield.

Quando o prestito torneou o lado sul da fonte, no qual se achavam reunidas as bandas militarés do 2.º regimento dos *Lifes Guards*, e *Royal Horse Guards*, do topo das escadas disfructava-se um lance de vista magnifico. A prespectiva de um ao outro extremo do edificio, mostrava-se franca, e desembaraçada, interrompida apenas pelo obelisco de Glasgow, e o espaço reservado á communicação ao longo do centro da nave, estava orlado completamente de senhoras cujos trajos alegres de verão como que franjavam o quadro. Foi n'este momento que o sol depois de grande esforço rompeu atravez das densissimas

nuvens que o tinham occultado por toda a manhã, e emprestou alguns de seus raios, que se diffundiram brincando sobre os concorrentes, dando um realce extraordinario a toda a scena. As ordens dos commissarios destinando as cadeiras apenas ás senhoras, foram strictamente cumpridas, e ao longo da extensa linha e apenas se encontraria alguma infracção ao principio de — senhoras na frente. Examinada do docel oriental a scena era muito brilhante, porém os que tinham obtido logares do lado do occidente, e disfructado o prestito quando este para ali se encaminhava, o quadro devia ser muito mais interessante. Ao começar a cerimonia, quando o acompanhamento teve que passar com difficuldade, e como comprimido, atravez de duas especies de veredas, nada se podia ver que fosse comparavel ao esplendido panorama que offerecia o prestito, movendo-se de cada lado, em direcção á nave. Ás portas de Norwich se achavam reunidas as commissões das classes 13, 15, 16, 17, 22, 30, 33, 34, 35 e 36. Os seus presidentes receberam os premios da mão do duque de Cambridge, pelo modo seguinte:

Instrumentos philosophicos — O sr. Brewster.

Ditos de relojoaria — O mestre da companhia dos relógios.

Ditos de muzica — O sr. Broadwood.

Ditos chirurgicos — O sr. Cezar Havrbrins.

Armações e ornatos — O sr. Crace.

Metaes preciosos — O mestre da companhia dos ourives.

Espelhos — O sr. Chance.

Loiças — O sr. Copeland.

Vestuario (ou malas para fato?) *Dresing-cases* — O sr. Mechi.

Algumas jardas além parou novamente o prestito do lado opposto ao trophéo de Emmanuel, distribuindo-se ali os premios aos presidentes das classes respectivas:

Photographia — Ao Lord Chéef Baron.

Algodão — Ao maior de Manchester.

Linho, e canhamo — Ao Prebeste de Dundee.

Seda, e veludo — Ao maior de Maulesfield.

Tecidos de lã — O maior de Bradford.

Estamparia — O sr. E. Totter.

Tapesseria e obra de sirigueiro — Sir S. Northeste.

Fato — O maior de Notingham.

Livros e papel — O mestre da companhia respectiva.

Objectos relativos á educação — O muito honrado sr. Cowper.

Foi esta a derradeira estação no departamento britannico, passando logo o acompanhamento á metade do edificio desti-

nada aos estrangeiros, na qual se haviam feito preparativos extraordinarios em honra d'esta festa.

Os commissarios de cada paiz tinham-se reunido em frente das suas divisões, achando-se cada estação adornada com excelente gosto de bandeiras nacionaes, plantas exoticas e raras, e alguns dos objectos mais escolhidos de suas exposições especiaes. Cada nação rivalisou com as demais na organização d'esta especie de mostradores, e apesar da escacez do tempo, devem-se louvores aos commissarios estrangeiros pelo zelo com que secundaram, e algumas occasiões excederam o pensamento do seu superintendente o sr. Owen. A Turquia, e o Egypto foram de entre os estranhos, os que primeiro receberam os premios, e quando o prestito se aproximou do sitio em que se achava a banda militar arabica do vice-rei, que se achava collocada á rectguarda, tocou ella uma peça de estylo tão agreste, mas tão festivo que fóra impossivel classifica-la em qualquer das escolas conhecidas dos professores do occidente. Quasi terminada a missão do duque de Cambridg, começaram as funcções dos commissarios especiaes inter-nacionaes. O vice-rei do Egypto era-o por parte da Turquia, e S. A. que acompanhára o prestito desde o principio até ao fim, e fóra assumpto de curiosidade especial, foi estrondosamente victoriado quando se adiantou para distribuir os premios aos turcos, e aos commissarios do seu proprio pachalato.

Do lado opposto ficava a estação dos Estados Unidos, cujas decorações principaes eram o bellissimo quadro do sr. Cropsey — *O outono no Hudson* — e uma grande machina a vapor. Os premios foram aqui apresentados pelo sr. Adams, ministro d'aquelle Estado, e recebidos pelo coronel Johnston. A estação immediata era a de Roma, ornada dos melhores, e mais variados mosaicos tão admirados na corte pontificia. Na falta do commissario especial o duque de Cambridg apresentou os premios ao sr. Doyle, o qual com o sr. Bompiani tinha arranjado uma das coisas mais attractivas da exposição. S. A. R. procedeu do mesmo modo a respeito dos estados centraes, e os do sul da America, com excepção do Brazil. Este imperio importante tinha logar reservado, e o seu commissario especial o sr. Carvalho Moreira, tambem ministro em Inglaterra, distribuiu os premios. A estação de Portugal seguia-se áquella em que os mosaicos do sr. Salviati tinham attrahido tanta concurrencia; e junto a ella se achava a da Italia, em tal conjuncção que fóra impossivel não advertir na mesma um symbolo da união que cedo vae ter logar pela alliança das respectivas casas

reinantes. O grande busto de Victor Manoel, e o *leitor*, primor da arte do sr. Magni, eram os ornamentos principaes d'este logar. O conde do Lavradio apresentou os premios aos portuguezes, e o principe de Carignan aos italianos. Passando pela estação da Grecia, na qual, por falta de commissario especial, foi o duque o que entregou os premios, o prestito chegou á da Russia, que fizera uma ostentação extraordinaria. Alguns dos mosaicos, e bronzes mais finos, que eram as decorações principaes d'esta parte do edificio tinham sido postos em logares distinctos bem como os vasos magnificos de porphyro cheios de flores raras, e exóticas. O logar pertencente aos hespanhoes no qual o sr. Balleras recebia os premios da mão do sr. D. Antonio Gonzales, commissario especial, achava-se decorado lindamente de fetos, e flores, tendo collocado no alto um bom retrato de S. M. Catholica. Na estação da Norwega as duas figuras caracteristicas dos aldeões no seu extravagante trajo de noivos, que haviam divertido todos os visitantes que tiveram a felicidade de os vêr; bem como a linda fonte em esculptura, constituíam o ornamento principal. O barão Becls Friis apresentou os premios aos suecos e noruegueses. Na estação da Dinamarca apresentavam-se 40 guardas marinhas da fragata recém-chegada ás nossas aguas, tendo a sua banda militar na rectaguarda. Passando pelo logar destinado á Suissa, o prestito chegou á estação de França, no adorno da qual os thesouros mais ricos da corôa em cortinas, tapetes e bronzes se ostentavam profusamente. O sr. Thouvenel, ministro dos negocios estrangeiros, funcionava como commissario especial n'esta occasião, e distribuiu os premios, que foram recebidos pelo sr. Le Play. A Hollanda era a ultima da nave, e no docel da parte do occidente, a Belgica, bem como os numerosos estados que constituem o Zollwerein, e a Austria receberam os premios respectivos. A estação austriaca estava com especialidade ornada de plantas exóticas e estandartes nacionaes, coroado tudo por dois excellentes bustos do Imperador, e da Imperatriz. O prestito seguiu para o edificio annexo ou das machinas, no qual o duque de Cambridg apresentando os premios ás classes, 5, 7 e 8, entrou no jardim pela porta do sudoeste, e voltou ao docel sob o qual no principio estivera assentado.

N'este momento se tocou simultaneamente o hymno *God save the queen* fechando-se com isto a segunda das grandes festas internacionaes, ou a Exposição de 1862.

Todo o programma para este ceremonial tanto na parte interna, como fóra do palacio, merece o maior elogio, com uma

única excepção na parte em que a falta de uma providencia de natureza aliás trivial, occasionou grandes inconveniencias, e transtornos aos visitantes, e para alguns até verdadeiras affrontas. Tinha havido a intenção de remover todas as cancellas existentes na passagem central que conduzia aos jardins; succedeu porém ter-se isto realisado apenas em tres que se achavam no centro das tres passagens para os mesmos jardins. Esta medida fôra sufficiente até ao findar a cerimonia, quando o palacio, e os jardins se achavam cheios de espectadores, e quando os encerrados nos ultimos por todo o dia quizeram penetrar no edificio, e vice versa os que tinham estado no palacio desejavam entrar nos jardins. Nenhum empregado de policia, dos centnares que se achavam de serviço, foi collocado no embate d'estas duas multidões, para as dividir, e previnir collisões entre os que pretendiam entrar, e os que desejavam sahir. O resultado foi, como era facil de suppor, uma scena de confusão lastimosa para os que viam, e quasi perigosa para as senhoras que a corrente ou o caminho obrigava a tão indecente conflicto. Em nenhuma circumstancia deveria ter logar este acontecimento, nem pôde ser desculpado ainda mesmo em um simples retrospecto como o que fazemos.

As bandas militares dos Zuavos, e da Gendarmeria devem tocar ainda hoje no palacio.

As decorações das estações estrangeiras conservam-se nos seus logares até depois de amanhã.

Hontem todas as janellas do edificio estiveram abertas, e por isto, apezar da multidão immensa, o thermometro de patente de Negretti e Zambra só indicou 61° 8 na nave, e 62° 6 nas galerias.

CHRONICA LITTERARIA



eviveu a litteratura entre nós: assim o dizem as ultimas publicações dos nossos mais festejados talentos; assim o dizem as estrêas de brilhantes vocações. Voltaram á arena, que haviam quasi abandonado, os nossos mais esforçados campeões, e voltaram ostentando igual denodo e as mesmas gallas. Avivaram-se-lhes assaudades d'essa época de nobres aspirações, de honrosas contendas e de merecidas glorias. Lamentaram a ociosidade e a somnolencia em que deixaram vegetar algum tempo a musa patria, sacrificando á enfadonha tarefa da politica os raptos audaciosos da imaginação, que irradiariam constantes no livro e que breves fulguravam nas columnas do jornal diario.

Houve, porém, um escriptor que se conservou sempre fiel ás letras, e que só das letras viveu, e vive ainda. Nunca buscou, nem sollicitou outros proventos. O operario da intelligencia, era á intelligencia que devia o pão de cada dia. Se algumas horas da ma-

nhã roubava ao trabalho, tinha de as velar de noite. Na imaginação, resumia todo o seu capital; na penna os juro d'elle. Mas, privilegiada é aquella imaginação, aprimorada e correctá aquella penna. Tão veloz e elevado é o vôo da primeira, como seguro e brilhante o traço da segunda. Ali estão para o attestar mais de trinta volumes, que todos conhecem, que todos lêem, que todos admiram, e, entre esses volumes, alguns que a miúdo citam com louvor os nossos mestres, Herculano e Castilho. Os que cultivam as letras não ignoram o enthusiasmo que a leitura do romance *Onde está a felicidade*, promoveu no grande historiador, enthusiasmo que elle era o primeiro a apregoar. Ainda ultimamente n'uma pequena e inesperada reunião litteraria, que não se apaga da memoria do chronista, o grande poeta tambem ouviu com alvoroço e com applauso intimo, varios capitulos do *Coração, cabeça e estomago*. Escrevendo os titulos das duas obras denunciei o auctor. Não se risca da lembrança o nome de Camillo Castello Branco, a quem leu *Onde está a felicidade*, e o *Coração, cabeça e estomago*. Este ultimo, publicado ha tres mezes apenas, já reclama segunda edição.

O que vai agora surprehender, sem duvida, o leitor, é a noticia que eu lhe reservo em seguida a estas considerações, e que as legitima. Surprehe o leitor, mas não me surprehe a mim, que sei a valia, robustez e fertilidade d'aquelle alto engenho. Prezo-o do fundo d'alma como amigo; venero-o, respeito-o, adoro-o como escriptor. Aqui, porém, não é a voz da amizade que falla. Essa, para taes homens, não se levanta para os acclamar; não precisam; são as obras que os acclamam. Ergue-se sim, nos tormentos ignorados, nas dôres occultas e silenciosas, e bastantes lhe tem cortado a trabalhosa existencia. Mas não vejo tambem razão para que emmudeça em frente do romancista que todos festejam e exaltam.

Vamos, porém, á surpresa. Ainda no ultimo numero registámos o apparecimento das *Memorias do Carcere*, e hoje temos já a acrescentar: Camillo Castello Branco, publicou *As Estrellas Funestas*, tem no prélo *Coisas espantosas*, e está concluindo *As Estrellas Propicias*. Respondam francamente: haverá risco de ser accusado de parcial ou adulator o homem, embora amigo dedicado, que se inlewa nas apreciações de tão subido e tão esplendido talento! Parecem ou não fabulosas estas incessantes manifestações da intelligenza? Reparrem como os contos, as anedoctas, os quadros pungentes, as scenas risonhas, as vastas narrações, se alargam, succedem e multiplicam, como por encanto! E em tudo a mesma facilidade, igual elevação, identico cunho litterario. É um molde original de dizer, de contar, de descrever, que se não confunde, nem se imita. De-

pois, todos aquelles typos, todas aquellas paisagens, todos aquelles ridiculos, são nossos. Camillo só observa, só analysa, só estuda a terra em que vive e as paixões que o rodeiam. Muita vez lhe tenho eu ouvido dizer, e algumas o tem elle escripto: «eu não invento, narro o que sei e copio o que vejo.» D'aqui resulta mimosiar-nos com uma bôa copia de época e uma excellente galleria de retratos.

As Estrellas Funestas, é um romance intimo como *As Tres Irmãs*. As qualidades que recommendam este, acham-se igualmente n'aquelle. Soube tambem imprimir-lhe movimento na acção, relevos no dialogo, interesse nas peripecias. O poder do destino que é o que as *Estrellas Funestas*, tendem a provar, manifesta-se ali dolorosamente em lances imprevisos, mas verdadeiros, que deixam n'alma tristes e vivas impressões. Finalmente é um romance para senhoras, e um romance que tem jús, por todas as razões, a um logar nas suas livrarias.

Passarei em seguida a mencionar duas producções dramaticas que já foram lisongeiramente acolhidas pelo publico, e que hão de ser agora mais festejados ainda pelos leitores. São ambas mais para o gabinete do que para o theatro, mais para a leitura do que para a scena. Intitula-se uma d'ellas *Amor e Arte*, chama-se a outra *O arrendimento salva*. Rubrica as duas o sr. J. Ricardo Cordeiro, um escriptor consciencioso e distincto. *O arrendimento salva*, é um quadro intimo traçado com verdade e singeleza, e engrandecido pelo dialogo que rescende em mais de uma scena, n'aquellas onde a paixão o inspira, bastante perfume poetico.

Do *Amor e Arte*, já eu fiz a apreciação n'uma das chronicas da *Revista Contemporanea*. O que disse então, impressionado pela sua representação no theatro normal, é o mesmo que diria agora no fim da sua leitura. Mas antes do drama encontrei no livro uma advertencia, que não posso fugir á tentação de transcrever parte d'ella. É uma pagina que assignala a modestia e consciencia do auctor. Eil-a:

«Não é original este drama, Foi-me inspirado pela leitura de um pequeno romance de Emilio Souvestre, intitulado *Gonzales Coques*. Apontando esta origem dou a todos a faculdade de comparar as duas obras e de ver as differenças que entre ellas existem. Estas differenças são comtudo consideraveis para que deixe de as notar, arriscando-me a ver julgado este trabalho como uma imitação, no sentido que ultimamente teem ligado a esta palavra, que as mais das vezes é applicada a simples traducções.

Para accomodar ao theatro o pensamento do romance francez, tão verdadeiro como interessante, tive de delinear uma acção que satisfizesse ás exigencias a que o primitivo auctor não tinha atten-

dido. Aproveitei por tanto só o primeiro acto, que alterado no dialogo, segue no mais o original. É em tudo inteiramente novo o segundo acto, bem como o terceiro de que apenas é imitada a ultima scena com as muitas modificações que a situação exigia.

Como se vê tracei um quadro que podesse satisfazer ás condições do theatro, alterei em muito os caracteres, e creei as situações que deduzindo-se naturalmente da acção lhe augmentassem o interesse dramatico.

Foi este o meu trabalho. O valor do drama—se algum tiver—está no pensamento inicial, cuja gloria devolve a quem de direito pertence.»

Fecharei a chronica com uma noticia que ha de ficar aguçando deveras a curiosidade das leitoras; mas desde já as previno que tal curiosidade não tardará muito que a possam satisfazer. Está no prelo um livro intitulado *Luz coada por ferros*, devido á penna de um bello e mimoso talento que a *Revista Contemporanea*, se gloria de haver attrahido a illustrar-lhe as paginas. Mas se eu citar unicamente as paginas que lhe devemos, as leitoras ficarão ainda ignorando-lhe o nome, por que sempre se assignou modestamente com as duas iniciaes A. A. E que dirão se eu lhes denunciar agora que essas iniciaes escondiam uma senhora? Dirão muitas que já tinham adivinhado, lendo-a. É possivel; ha finuras e delicadezas de sentimento que só uma mulher pôde e sabe revelar. Já sabem metade; mas querem saber tudo, aposto! Querem saber como se chama? Vou dizer-lh'o. A nossa collaboradora, e auctora da *Luz coada por ferros*, é a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Augusta Placido. Desejam tambem conhecê-la? Affianço-lhes igualmente que realisarão breve os seus desejos. O livro será adornado com o retrato. Verão o reflexo da intelligencia na belleza dô rosto.

ERNESTO BIESTER.